



**ESCOLA NORMAL SUPERIOR – ENS
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

RAIANA CUNHA DE FIGUEIREDO

AMBIENTES: ACHADOUROS DE INFÂNCIAS

**MANAUS – AM
2018**

RAIANA CUNHA DE FIGUEIREDO

AMBIENTES: ACHADOUROS DE INFÂNCIAS

Trabalho de conclusão de curso para obtenção de nota final do curso de pedagogia da Escola Normal Superior da Universidade do Estado do Amazonas como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª MSC. Caroline Barroncas de Oliveira

**MANAUS – AM
2018**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

F475a	Raiana Cunha de Figueiredo, r Ambientes : Achadouros de Infâncias / r Raiana Cunha de Figueiredo. Manaus : [s.n], 2018. 65 f.: color.; 30 cm. TCC - Graduação em Pedagogia - Licenciatura - Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2018. Inclui bibliografia Orientador: Oliveira, Caroline Barroncas de 1. Discurso. 2. Ambiente. 3. Infância. I. Oliveira, Caroline Barroncas de (Orient.). II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Ambientes
-------	---

TERMO DE APROVAÇÃO

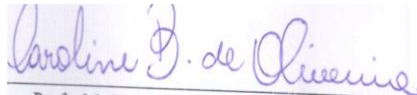
RAIANA CUNHA DE FIGUEIREDO

AMBIENTES: ACHADOUROS DE INFÂNCIAS

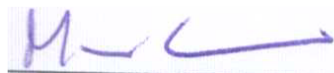
Monografia apresentada a Universidade do Estado do Amazonas, Escola Normal Superior, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Manaus, 05 de dezembro de 2018

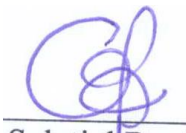
BANCA EXAMINADORA:



Profa. MsC. Caroline Barroncas de Oliveira
Universidade do Estado do Amazonas – UEA/ENS



Profa. Dra. Mônica de Oliveira Costa
Universidade do Estado do Amazonas – UEA/ENS



Prof. MsC. Salatiel Rocha Gomes
Secretaria Municipal de Educação – SEMED/Manaus

Dedico essa tese a Deus, minha família, amigos, as minhas orientadoras Caroline Barroncas e Mônica Costa, a minha sobrinha Isadora Figueiredo que me fez enxergar a vida com mais cor e a minha mãe Naura Cunha minha mestre na vida.

A maior riqueza do homem
é a sua incompletude.
Nesse ponto sou abastado.
Palavras que me aceitam como sou - eu não aceito.

Não agüento ser apenas um sujeito que abre portas,
que puxa válvulas, que olha o relógio,
que compra pão às 6 horas da tarde,
que vai lá fora, que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.

Perdoai
Mas eu preciso ser Outros.
Eu penso renovar o homem usando borboletas
(Manoel de Barros)

AGRADECIMENTOS

Ao escrever esses agradecimentos recorri as minhas memórias, estas me fizeram reviver sentimentos que me levaram as lágrimas e a risos exagerados me fazendo notar o quanto a vida foi boa comigo, na minha caminhada cotidiana quanto acadêmica, eu só tenho a agradecer, primeiramente a Deus por ter me dado força para suportar esse caminho cheio de percalços me fazendo crescer em cada um deles.

A minha família pelo apoio incondicional, ao meu pai Raimundo Gomes de Figueiredo por me dar exemplo de profissionalismo e hombridade, aos meus tios pelos seus arcabouços intelectuais que por muitas vezes abriram a minha mente, por falar nisto, também meus agradecimentos se estendem, as minha professora Caroline Barroncas, por me apresentar e orientar no caminho do conhecimento e me ensinar que uma carreira acadêmica se faz com trabalho árduo e que o pote de ouro não está do outro lado do arco-íris, que como todo ourives temos que fazer o nosso pote de ouro. A professora Mônica Costa por me mostra que a minha incompletude é uma das minhas principais qualidades, aos professores Emerson Saraiva e Victor Leandro Silva pela amizade, por me mostrar que eu tinha potencial e contribuírem com a minha trajetória (as nossas conversas de corredor deram muito certo)

As minhas irmãs Raiene Cunha e Ranielly Figueiredo por terem ficado do meu lado em todos os momentos, a minha sobrinha Isadora Figueiredo por me dar alegria e muitas risadas nos dias em que eu e Foucault dormíamos de mal, a minha avó Sinamor Gomes por suas orações (a senhora mora no meu coração) e a minha mãe Naura Cunha que sempre lutou junto comigo as minhas batalhas me mostrando desde de cedo que o ser humano para valer a sua passagem pela terra tem de deixar como marca o Amor, a Compaixão, e principalmente, o Conhecimento.

RESUMO

O trabalho apresenta algumas reflexões originadas do objetivo de analisar as ideias de infância no ambiente da trama do longa-metragem “Zootopia: Essa Cidade é o Bicho”, através de algumas ferramentas de Foucault. Consideramos que na atualidade, as mídias realizam com muito mais eficácia a produção de corpos dóceis por meio de discursos e que o mesmo tem diversos Enunciados, que não podem ser confundidos como frase, proposição ou um ato fala, uma vez que a sua característica é a função de existência. Discurso não é sinônimo de linguagem ou algo que nomeia os objetos ou ainda um conjunto de signos, e sim, é um mecanismo social que impõe verdades àqueles que os ouvem. Ao se tratar de Ambiente o nosso primeiro movimento em relação a essa terminologia é a de afirmar que ambiente vai muito além da temática de floresta, sendo assim ambiente pode também ser o espaço social onde a trama do Discurso acontece. Diante desta situação, surge a necessidade de analisar quais os tipos de Enunciados para as infâncias estão sendo construídos em nosso tempo e para isso observamos as práticas discursivas e não-discursivas da trama. Identificamos para análise dois enunciados de criança fabricados: criança sonhadora e criança com desvio de conduta. O resultado obtido é uma rede discursiva que revela a mesma concepção de ideia de infância que trabalha para o discurso dominante do capital. Esse movimento fora feito a partir da análise do discurso e dos Enunciados tendo o Ambiente como palco onde eles atuam podendo desenhar as linhas e contornos dos modelos de infância requerido neste século. Se há uma infância atual? Não, há um modo aprimorado de produzir essa infância através da plasticidade dos enunciados e da prática discursiva, ou seja, o que se modifica aqui é a diferença de como se olha essa criança e os valores aderidos a ela, ou melhor, ela é ressignificada, adquirindo uma nova roupagem devido ao momento social que se apresenta, não importando se é para o “bem” ou para o “mal” e sim para o bem maior da verdade absoluta que Foucault tanto condena no discurso do capital.

Palavras-chave: Discurso. Ambiente. Infância.

ABSTRACT

The work presents some reflections originated from the objective of analyzing the ideas of childhood in the environment of the plot of the feature film "Zootopia: This City is the Critter", through some tools of Foucault. We consider that, in the present day, the media perform the production of docile bodies much more effectively through discourses and that it has several statements, which can not be confused as a sentence, proposition or an act speaks, since its characteristic is the function of existence. Discourse is not synonymous with language or something that names objects or even a set of signs, but rather, it is a social mechanism that imposes truths on those who hear them. When it comes to Environment, our first movement in relation to this terminology is to affirm that environment goes far beyond the forest theme, so that environment can also be the social space where the plot of the Discourse takes place. Given this situation, the need arises to analyze which types of statements for childhood are being constructed in our time and for this we observe the discursive and non-discursive practices of the plot. We identified for analysis two statements of manufactured child: dreamy child and child with misconduct. The result is a discursive network that reveals the same conception of childhood idea that works for the dominant discourse of capital. This movement was made from the analysis of the discourse and the Declarations having the Environment as the stage where they act and can draw the lines and outlines of the models of childhood required in this century. If there is a current childhood? No, there is an improved way of producing this childhood through the plasticity of statements and discursive practice, that is, what is modified here is the difference of how this child looks and the values attached to it, or rather, it is re-significated, acquiring a new garment due to the social moment that presents itself, regardless of whether it is for "good" or "evil", but for the greater good of the absolute truth that Foucault condemns so much in the discourse of capital.

Keywords: Speech. Environment. Childhood

SUMÁRIO

CARTA AO LEITOR.....	11
1 OS (DES)ENCONTROS NA TRAVESSIA COM FOUCAULT: DISCURSO, DISCIPLINAMENTO, MÍDIA E AMBIENTE.....	15
1.1 O DISCURSO, O PODER E O SABER NA ÓTICA DE FOUCAULT.....	20
1.2 AFINAL O QUE É MÍDIA?.....	23
1.2.1 Mapeamento midiático: em busca de infâncias escondidas.....	27
1.3 OS ENUNCIADOS, O MIDIÁTICO INFANTIL E O AMBIENTE NA ÓTICA DISCURSIVA.....	34
1.3.1 Ambientes e suas configurações.....	37
1.3.1.1 Ambientes e suas multiformas.....	38
2 OS AMBIENTES DA TRAMA ZOOTOPIA: INVENTANDO UMA IDEIA DE INFÂNCIA E OUTRAS MAIS.....	42
2.1 OS AMBIENTES DA TRAMA ZOOTOPIA.....	43
2.1.1 Quintais habitados, quem os habitam?	51
ASSIM, DESPEÇO-ME	61
REFERÊNCIAS	63

CARTA AO LEITOR

Caro leitor,

A vida é uma questão de encontros e desencontros, e eu me encontrei nos meus desencontros. Encontrava-me em uma relação de paixão com a Dialética, por acaso a Gramscista, mas a busca por novos encontros levou-me a pesquisar, o chamado estudos culturais e pós-crítica, e com muita dificuldade começo admirar pela sua vasta discussão.

Conheci que neste caminho de pesquisa pela vertente pós-crítica a escrita narrativa fazia parte do desnudar-se, e me foi apresentada através de duas professoras -uma que de início só sabia o nome e a outra estava a conhecer pois ministrava uma disciplina no 4º período- porém, quando o nome ganhou forma vi a competência e quis tentar pelo desafio, é claro, com a esperança de me tornar tão competente quanto elas.

Então, entrei como acadêmica-pesquisadora no Grupo de Estudo e Pesquisa em Formação de Professores para a Educação em Ciências na Amazônia - GEPEC, na linha de “Formação de Professores para o Ensino de Ciências na Amazônia”, como voluntária do trabalho desenvolvido no Programa de Apoio à Iniciação Científica - PAIC 2016-2017, intitulado “As mídias e o disciplinamento dos corpos: verdades ‘naturalizadas’ nos sujeitos escolares”, no qual busquei analisar os modos que as mídias (filmes e músicas) produzem posições de sujeitos escolares a partir do mapeamento das mídias utilizadas por eles e os assuntos nelas tratados. Nesse disciplinamento das crianças pude ver algo que me interessasse de verdade no campo científico da pedagogia, introduzindo-me em um mundo instigante que é a área da pesquisa mesclando mídia e infância. Após, o projeto ser renovado para o PAIC 2017-2018, com o título “O ambiente discursivo da trama Zootopia: ensinando uma ideia inventada de infância e outras mais...”. Nestes dois anos de delineamento do meu processo formativo de professora e pesquisadora deu-se a origem deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Portanto, esta presente pesquisa teve como objetivo geral investigar as ideias de infância produzidas pelos enunciados que instituem o ambiente do filme "Zootopia: essa cidade é o bicho". E como desdobramentos surgiram alguns específicos: visitar os estudos teórico-metodológicos sobre discurso em Foucault; identificar os enunciados discursivos sobre o ambiente na trama e sua produtividade na invenção de ideias sobre a infância; e, descrever a rede discursiva do filme “Zootopia” sobre ambiente e suas fabricações de uma infância.

Nesse sentido, entendi ser de extrema relevância aprofundar a investigação das temáticas que tratam sobre ambiente e mídia, como processo de formação epistemológica da práxis educativa, tendo em vista o próprio momento pelo qual passa o país, com propostas e implementações de políticas educacionais que se dispõem a resolver questões básicas sobre elas. Fato que leva a escola considerar a necessidade de repensar suas ações educativas na perspectiva do tratamento dado ao ambiente e a inclusão das tecnologias midiáticas, especificamente os artefatos dos filmes animados, tanto nas questões estruturais-administrativas, quanto e principalmente no currículo escolar, de forma problematizadora e ampla com a preocupação de naturalização de verdades produzidas, que muitas vezes, os levam a possíveis concepções errôneas de suas condutas ou coloquem em risco o bem-estar físico e mental.

Diante da problemática da Pesquisa dentro das fronteiras dos Estudos Culturais, enfatizando os estudos de Michel Foucault, acredito na relevância do tema para os programas de formação de professores, pois, eles terão oportunidade de conhecer os resultados dessa pesquisa que poderá subsidiá-los na orientação do trabalho pedagógico.

Do ponto de vista social, esta pesquisa levou-me a uma reflexão sobre o processo de construção do conhecimento, permitindo que o trabalho pedagógico se torne mais coerente e eficaz para a sociedade. Do ponto de vista científico, contribuiu para um enfoque de compreensão das relações existentes entre os filmes animados e as práxis educativas no âmbito da naturalização de verdades produzidas, visto que, estes não podem ser tirados do seu contexto histórico e precisam vir a contribuir com as pesquisas já existentes na área.

Escolhi embasar a pesquisa na perspectiva dos Estudos Culturais, tendo como marco teórico a abordagem pós-crítica de análise, em especial as análises advindas das contribuições de Michel Foucault sobre discurso, enunciado e disciplinamento dos corpos. Desta forma, assumimos que:

Vê-las dessa forma implica inserir as explicações científicas em uma cartografia na qual a cultura é central e na qual a ciência e a atividade científica são vistas não apenas como influenciadas pela cultura (e, especialmente, pelos processos políticos e econômicos), mas, elas mesmas, como produções culturais. (WORTMANN, 2007, p. 72-73).

Para desenvolver a investigação partir do estudo bibliográfico centrado nas categorias principais da pesquisa: Discurso, Disciplinamento, mídia (filmes animados), infância, criando um corpo conceitual que serviu de base para a análise realizada. Nesta fase de pesquisa bibliográfica fiz busca de material, leitura e fichamento de livros, artigos,

dissertações e teses que discutem as categorias em estudo.

Juntamente com o aprofundamento teórico-metodológico analisei o artefato midiático, o filme *Zootopia: essa cidade é o bicho*. O filme é composto por cenas que foram transcritas e organizadas por faixas enunciativas. Para a análise enunciativa das cenas foram selecionados os enunciados predominantes que decorrem nas cenas. A descrição permitiu dar visibilidade à formação discursiva dos enunciados em que foram produzidos os modos de ver o ambiente; as condições precisas para existência; regras e os lugares ocupados que se constitui no discurso sobre o ambiente e sua influência na fabricação de uma Infância. Entendendo discurso como nos ensina Foucault (2010) em que as práticas que se estabelece em um determinado momento histórico, visto que todo o discurso é apoiado em mecanismo de exclusão nos permitirá fazer a diferenciação entre o que é o Ambiente produzido no filme *Zootopia* e o que não é Ambiente para este artefato, bem como, desvelar quais infâncias são produzidas nesse filme.

É nessa fronteira que aponto como o conceito de Foucault (discurso) foram usados no trabalho, tendo como subsídio principal as obras: *A ordem do discurso* (2010); e, *Arqueologia do Saber* (2008). A escolha de dar tratamento a um conceito é no intuito de aprofundar, e não por acreditar que outros conceitos foucaultianos não dessem conta de problematizar as ideias de infância instituídas pelo ambiente dos filmes infantis, mas por entender que autores como Foucault ajudam a problematizar as coisas supostamente dadas e a ideia de que elas sempre estiveram ali e, sobretudo, porque pensar com Foucault possibilita desnaturalizar o olhar e tudo o que vem a partir dele.

Desejo destacar de antemão que a essa trama que armamos para olhar o objeto do projeto não interessa estabelecer uma linearidade ou uma hierarquização entre qualquer conceito ou categoria. Desta forma, considero que o processo de análise consiste em um ir-e-vir, agrupar e desagrupar, construir e desconstruir. O processo é de constantes retomadas, avaliando-se com frequência tudo o que já foi realizado para refazê-lo ou melhorá-lo (MORAES; GALIAZZI, 2011). Assim, a análise dos dados é o processo de busca e de organização sistemática dos dados gerados, com o objetivo de aprofundar a compreensão desses mesmos materiais e de permitir a socialização à comunidade científica.

O trabalho pretendeu, acima de tudo, colaborar na construção de ações coletivas para melhoria da formação docente, acreditando e apostando na educação e transformação individual, inserindo o papel fomentador que as tecnologias midiáticas possuem nesta perspectiva, principalmente, no que tange o disciplinamento dos sujeitos.

No desejo de superar a prática docente como mera repetição de ações e suscitar posturas investigativas ligadas à pesquisas nas práxis do professor, e para que este sujeito e o seu aluno possam desenvolver a criticidade e um conjunto de conhecimentos teóricos, delinee em dois momentos a escrita deste trabalho: 1 - os (des)encontros na travessia com Foucault: discurso, disciplinamento, mídia e ambiente; e, 2 - Os ambientes da trama Zootopia: inventando uma ideia de infância e outras mais...Após, despeço-me com algumas indicações sobre os ambientes da trama como achadouros de infâncias em que problematizei durante a investigação.

Dos meus embates, das minhas inquietações, do meu aprendizado, das minhas descrições, das frustrações e todo o meu trabalho que sirva de inspiração e deleite para que se debrucem e conheçam as minhas descobertas, espero que se divirtam e se (des)encantem com a temática assim como me (des)encantei ao escrever cada palavra.

Com estima,

Raiana Cunha de Figueiredo

1 OS (DES)ENCONTROS NA TRAVESSIA COM FOUCAULT: DISCURSO, DISCIPLINAMENTO, MÍDIA E AMBIENTE

Esta vida é uma estranha hospedaria, de onde se parte quase sempre às tontas, pois nunca as nossas malas estão prontas e a nossa conta nunca está em dia.
(Mário Quintana)

Há anos atrás com o resultado do vestibular, abriu-se mais uma porta na hospedaria da minha vida, a do conhecimento, e por ela entrei, nela me abriguei. A impressão que tive ao entrar na universidade, foi que os quatro anos e meio seriam de muitas facilidades, me sentia em um frondoso jardim correndo por um campo de tulipas, contudo, a comparação “expectativa *versus* realidade”, acabou com a minha idealização. Isso se deve ao fato de ter sido fabricada a pensar que o curso de licenciaturas tem mais fluidez pela falta de cálculos ou da “objetividade” dos cursos de exatas, todavia, percebi que isso não procede.

É notório que não estou aqui para desmerecer a graduação de exatas e sim dizer que tanto uma quanto a outra apresentam os seus desafios, e para mim, estes começaram quando descobri que o meu objeto de estudo tinha voz e era produzido.

Antes da dificuldade dar as caras na minha vida, tive contato com as correntes de pensamento: o Positivismo, a Fenomenologia a Dialética, e passei a acreditar que se essas correntes são tão bem delimitadas, não teria dificuldade de escrever uma pesquisa e participar da iniciação científica, doce engano.

Após conhecer as correntes acima citadas tive um romance correspondido pela Dialética, a partir de então a minha escrita é marcada por ela e os livros de autores dialéticos passam a ser os meus de cabeceira, assim os convites para ser iniciante na área da ciência começaram a surgir e o bichinho da Política Pública afagou-me.

Com a Dialética quase sendo o meu destino, descobri que o estudo acerca da educação poderia ser visto de outra perspectiva e nesta travessia encontrei-me com Foucault (1989) através da sociologia e me aprofundei na didática. Extasiada com as novas ideias resolvo ler um pouco mais e mesmo sem muito entendimento das leituras interesse-me, e quando o edital de iniciação científica aparece, obtive um convite para participar de um projeto pautado em algumas ferramentas de Foucault, e assim, consigo a tão sonhada vaga para estudar a minha mais nova paquera.

Ao imergir nos estudos foucaultianos a partir dos projetos desenvolvidos no Programa de Amparo à Iniciação Científica – PAIC, 2016-2017 e 2017-2018, pude

ampliar minha visão sobre o papel da educação a nível social e como a mesma se comporta na sociedade. Com o galgar descobri também que as correntes de pensamento têm a mesma amplitude e que as discussões podem ser respondidas por outras correntes além da dialética, levando em conta esse pressuposto comecei a discutir a educação e como ela atua para a produção/fabricação cultural/social.

Quando se fala em boa educação, logo se analisa que a tal se revela no comportamento, indo desde o falar até o reclinar, no entanto, educação vai além disso, na verdade o comportamento é um dos resultados que ela produz. É entendido que o resultado final do processo educacional é um cidadão apto a viver em sociedade, contudo, essas falas nos fazem perceber que o processo tem um acabamento o que é inverídico, uma vez que: “O poder é o de misturar as escritas, de as contrariar umas das outras, de modo a nunca se apoiar numa delas (BARTHES, 1984, p.52)”, pois o homem científico sempre põe as suas descobertas a prova passando por mudanças.

Ao me debruçar em conhecer a história da raça humana, até os dias de hoje, identifiquei fenômenos que fizeram o ser humano ver, pensar e modificar o seu mundo, e um deles foi a passagem da idade média para a idade moderna, quando o homem metafísico passa a ser guiado pelo que se conhece como ciência.

Com esse despertar viu-se a necessidade de ter as suas indagações sanadas por meios de fatos prováveis, dando origem ao estudo das ciências, inclusive as sociais, conhecidas como sociologia, difundida por Comte e estudada por tantos como Emile Durkheim (2002), Karl Marx (1996), Max Weber (1982), Pierre Bourdieu (2001), Michel Foucault (1989) dentre outros, os quais trazem o entendimento do funcionamento social.

Apesar de suas teses serem formuladas em períodos distintos e seus resultados gerarem visões diferenciadas do que seria uma sociedade baseada na justiça, todas as teorias sociais se assemelham em um ponto, dando à educação importância de perpetuação de tal sistema, ou seja, para a mudança social a educação é seu veículo promotor e a escola vem a ser peça chave.

Marx (1996, p. 669) dizia que o andar da sociedade vem a ser desenhado pela histórico-dialética, tanto que em seu livro “O Capital” em sua última página ele diz: “Trabalhadores do mundo uni-vos” como se a história unisse os povos, porém anos após, essa frase veio a ser contestadas pelo seu seguidor Antônio Gramsci (1978), o qual aprofundando a teoria Marxista descobre que o discurso hegemônico não é passado pelo histórico-dialética, esta apenas mostra que o discurso existe, que ele é presente, e ele é repassado pelo que se conhece como cultura.

Então, se o discurso hegemônico é passado culturalmente, e a educação vem a ser o processo pelo qual repassa ao indivíduo ensinamentos de como viver em sociedade, logo, o discurso é propagado por esta instituição (educação) que em seus processos culmina na fabricação do indivíduo como ser social. A reflexão destas informações evoca questões importantes, como: de que modo e o que faz a escola para que os cidadãos inoculem esse discurso como verdade absoluta? Diversas teses apontam um caminho de como isso acontece através da nova estrutura social.

Tratando de sanar essas e outras questões a partir da idade média e com as modificações sociais ocorridas, é verídico que todos os teóricos dedicados à sociologia discorrem suas teses na sociedade capitalista apontando como dito as disparidades da sociedade medieval para a moderna, mostrando-me inúmeras mudanças inclusive o sentimento em relação à criança e a infância.

Na era das trevas a criança era um sujeito quase que desprovido de existência, tanto que nem chegavam a ter direitos e deveres por uma série de fatores, um deles era a alta mortalidade infantil, vista naquela época por condições de falta de higiene as quais eram alarmantes, para comprovação há uma obra que retrata bem essa fase lastimável da história humana, é o livro “Perfume: A História de um Assassino” de Patrick Süskind (1986), este retrata o estado de putrefação europeia e descreve as condições infantis as quais seres indefesos sobreviviam à sombra do mundo adulto, eram tão invisíveis que no escrito do autor da época Philippe Ariés (1981) dizia claramente que criança é um mini adulto.

Quando os ares da renascença ganham vigor no raiar do século XIX com mudanças que foram um marco na história humana, vem através de Rousseau (1964) um novo sentido em relação à criança, este com a sua obra “Emílio ou da Educação” foi o pioneiro em tratar a criança como o sujeito, tanto, a escrever uma pedagogia voltada para a educação desse indivíduo, ou seja, quando o século das luzes entrou em vigor viu-se que a infância é a primazia do adulto.

Sendo mais tarde evidenciado na prática a tese dita acima, não somente por pedagogos, mas também por pessoas das áreas diversas, como a psicanálise por exemplo, entende-se então que o padrão cultural não deveria mais ser introduzido no adulto e sim desde a infância na gênese do adulto. Quando se nota que o adulto é resultado das experiências que ele teve quando criança se volta o olhar para essa fase constituindo o ser como cidadão de direito, e como tal cria-se o mundo todo para ele, claro, não com o olhar medieval da antiga tutela eclesiástica a qual dizia que a criança era um anjo e sim por um,

com viés capitalista voltado para o mercado.

Bourdieu (2001) diz que não há mudança social se ela não favorecer o mercado, não querendo diminuir esforços e a luta de quem deu sua última gota de sangue pelo direito infantil, no entanto, trago a luz da discussão, a motivação que levou a aquisição deste direito.

Ao ler o ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente (2014), e a Declaração dos Direitos da Criança da UNICEF¹ (Fundo das Nações Unidas para a Infância) documentos os quais validam os direitos infantis, que são de uma beleza estonteante, entretanto, ao esmiuçar e ler com mais afinco a beleza se transforma em um horrendo pesadelo, pois essa aquisição de direitos nada mais é do que uma farsa mercantil que dá com uma mão e bate sem pudor com a outra, uma vez que, o sistema usa esses direitos como legalidade para suas práticas hediondas, com este aparato, o sistema cria um mundo voltado para a criança contendo nele coisas pequeninas que as vezes nem o próprio adulto percebe, fazendo com que nossos pequenos tenham contato com coisas que não lhes são inerentes de acordo com ótica da infância de nossa sociedade moderna, indo de encontro ao seu direito primário, o de ser criança, os tornando adultos.

Isso tem algo a ver com a idade média? Tudo, com o mesmo estado de putrefação que viviam os medievais vivemos hoje, com um agravante, dotados de total conhecimento. Pois, a sociedade é capaz de reproduzir ainda comportamentos considerados passados, para ser mais explícita, apesar de toda tecnologia e conhecimento nos dias de hoje a sociedade não se livrou do lodo em que se acha ou finge ter se livrado, não conseguiu se libertar de conceitos antigos, pois as crianças ainda são massacradas em sua essência, tendo seus direitos mesmo que assegurados, desprezados, ou seja, a aquisição de direitos não foi para o beneficiamento de seres que precisam de cuidados e sim para enriquecimento de um sistema que aprisiona o homem e o transforma em máquinas. Claro que isso acontece conforme Foucault (1989) pela relação que torna existente na modernidade entre cultura e sociedade.

Sabe-se que essa relação vem de bem antes da modernidade porque apesar de não se falar a cultura sempre existiu desde a criação do mundo descrita na Bíblia em Gênesis 28, 29 e 30:

Deus os abençoou e lhes disse: "Sejam férteis e multipliquem-se! Encham e subjuguem a terra! Dominem sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem pela terra".

Disse Deus: "Eis que dou a vocês todas as plantas que nascem em toda a terra

¹ Do ingles United Nations Children's Fund

e produzem sementes, e todas as árvores que dão frutos com sementes. Elas servirão de alimento para vocês.

E dou todos os vegetais como alimento a tudo o que tem em si fôlego de vida: a todos os grandes animais da terra, a todas as aves do céu e a todas as criaturas que se movem rente ao chão". E assim foi. (GÊNESIS, 2018, s/p)

Quando leio essas palavras, a partir deste discurso religioso cristão, penso que sem falar a palavra cultura faz com que o homem a estabelecesse, de acordo com o cânon bíblico até o nome dos animais o primeiro homem dá, dando parâmetros para afirmar que a relação descrita vem desde os primórdios.

Para os livros de história essa relação fica mais acirrada quando o homem para de ser nômade e passa a ser sedentário, porém não é o cunho deste trabalho discorrer sobre essa questão e sim demonstrar que a cultura está na vida do homem e que esse processo não se foi com a modernidade e sim é feito de forma diferente.

Olhando pelo prisma social sabe-se que os processos culturais são ligados ao sistema social traduzindo a relação entre eles, pois é como um rio que deságua no oceano, ou seja, a cultura se revela em âmbito social. Sabendo disso Gramsci (1978) esclarece que o termo cultura tem significação bastante abrangente e uma destas terminações são os conjuntos de crenças e costumes os quais definem um povo e os diferenciam. A clareza dessa definição dá um norte para que eu olhe a história e entenda os fatores os quais me fizerem não só enxergar, mas, compreender a criança em nossos dias.

De acordo com “ A ordem do discurso” os sujeitos sociais incluindo as crianças ganham forma na modernidade, outrora eram formados pelo dogmatismo religioso, porém, com o passar da era medieval são forjados pelo discurso vinculado às instituições que o repassam em forma de cultura: "Tu não deves ter receio em começar; estamos aqui para te fazer ver que o discurso está na ordem das leis; que sempre vigiámos o seu aparecimento; que lhe concedemos um lugar, que o honra, mas que o desarma; e se ele tem algum poder, é de nós, e de nós apenas, que o recebe" (FOUCAULT, 2000, p. 01).

Ou seja, na modernidade o sistema para fazer o domínio da grande massa se refinou, pois é feito através da cultura a qual vincula um discurso que é introduzido na forma de relação de poder produzindo um saber, é como se nos dias vindouros olhasse a relação social como a teia de uma aranha e em cada ramificação desta teia, ferramentas que a fazem funcionar, e ao desvelar esta rede vislumbra-se logo de cara três verbetes: Discurso, Poder e Saber.

1.1 O DISCURSO, O PODER E O SABER NA ÓTICA DE FOUCAULT

Pane no sistema, alguém me desconfigurou /Aonde estão meus olhos de robô?
/Eu não sabia, eu não tinha percebido/ Eu sempre achei que era vivo/ Parafuso
e fluído em lugar de articulação/ Até achava que aqui batia um coração/ Nada
é orgânico, é tudo programado/ E eu achando que tinha me libertado
(PITTY)

Ao me debruçar em desvelar parte das nuances que há de uma ciência exata para uma humana, já que alguns das exatas se aventuram em humanas, pode notar -se o quanto sou fabricada e programada, tendo que sair da zona de conforto afim de reconstruir-me e de pensar fora da caixa.

Quando saí da caverna da ignorância compreendi que o processo ao qual criei com a exatidão dos números me robotiza e passo em forma de códigos uma extensão de mim mesma, achando-me livre pelo meu processo criador, todavia, sou tão igual as máquinas que o homem cria, se sou produção de quem sou produto? Hoje, do discurso social vigente.

O discurso não é mera invenção ou imaginação de um mero homem e sim um início de uma descoberta profunda do principal meio de dominação criado pelo homem para o seu próprio aprisionamento. No entanto, o discurso não foi algo inventado no mundo científico como podem pensar alguns, ao contrário, pude entender quando debrucei nas obras de Michel Foucault, que este existia desde que o homem começa a se agrupar, ou seja, desde de que o homem começou a viver em sociedade sendo o discurso a principal arma para manter a união desta e discursar em cada época ganha papéis e vozes diferenciadas.

É de conhecimento que na história há uma variedade de discursos, um exemplo, é o discurso metafísico que na idade das trevas dava poderes inimagináveis e surreais à igreja católica, tanto que ela influenciava até nas decisões governamentais. Outro é o discurso científico nos dias de hoje, o qual dá a ciência o *status* de verdade absoluta. Bom, o que vem a ser discurso na realidade e como ele age?

Para a resposta dessa questão encontrei no livro “Microfísica do Poder” ao qual Foucault (1989) diz que o discurso vem a ser um mecanismo do sistema social para impor as verdades aos que ouvem, ou seja, ele não é só histórico- dialético, ele se recicla e se adequa conforme a sociedade se mostra no momento, vindo como verdade absoluta levando em consideração o desejo e o poder.

Antes de destrinchar os seus mecanismos vou falar dos participantes que fazem com que esta teia funcione, vamos começar pela definição do que é poder. Para ele poder não é uma entidade, pois ele se dá na relação de dominação - nas ditas relações de poder. Por esse fator, para Foucault poder vem a ser:

[...] não tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras, mas ter bem presente que o poder – desde que não seja considerado de muito longe – não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detêm exclusivamente e aqueles que não o possuem e lhe são submetidos. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui e ali, nunca está em mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas, os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder, e de sofrer sua ação; nunca são alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles (FOUCAULT, 1989, p. 183).

Para o autor não é o que impede e sim o que impele, ao descrever o poder Foucault diz que ele não é algo centralizado, pois ele se divide conduzindo essa relação de forma imperceptível dando ao discurso dominante formas de verdade e modificando-a conforme o querer de quem domina o saber. Quando olha pelo prisma do discurso como verdade absoluta, o tal descreve uma guerra e entre estes para ser a verdade universal, discorrendo o perigo que há nesse mecanismo que vem a ser a mortificação aos discursos menores existentes, não dando a real emancipação do conhecimento e revelando as amarras a um sistema que no dizer é feito para ser livre, todavia, nas práxis é uma cadeia, mostrando que a ciência tida como libertária é tão prisioneira ao poder como o discurso metafísico.

Este discurso passa através dos indivíduos pelas instituições sociais por seus mecanismos, sendo o indivíduo o efeito do poder porque o mesmo o transmite, então: “o indivíduo é o efeito do poder e, simultaneamente, ou pelo próprio fato de ser um efeito, é seu centro de transmissão. O poder passa através do indivíduo que ele constituiu” (FOUCAULT, 1989, p. 183-184).

O segundo participante deste enredo é o Saber que é a produção do poder pois ele, o poder, produz saber e, por conseguinte dá embasamento ao discurso, sendo vital para que este se torne existência. Uma vez que, é através do saber que se dispõe ao discurso a veracidade o qual necessita, para que este perpassa pelas relações sociais. Segundo Foucault saber se constitui desta maneira: “O poder produz saber [...], não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e

não constitua ao mesmo tempo relações de poder” (FOUCAULT, 2010, p.30).

Imergindo no que se refere como esse discurso age e é formado, Foucault (1989) demonstra através das estruturas sociais como isso se dá e como ele se instaura como verdade absoluta. Primeiramente ele deixa claro e evidente que este é formulado por quem detém o saber, pois não deixa dúvidas que neste novo modelo ordinal social quem domina é aquele que sabe, ou seja, aquele que domina o saber tanto científico quanto o secular terá o controle em esfera social.

Como sabido, o filósofo defende o conhecimento da multiplicidade do discurso e não a troca de um discurso pelo outro, pois é de ciência que o saber é um direito universal. Contudo, sabe-se que é um privilégio para poucos, pois ele reafirma o que muitos dizem, que este saber é controlado pelo detentor do discurso, a classe burguesa, de posse disso é possível dizer que ela elabora esse discurso conforme seus interesses. Se isto acontece, de fato a ação de aceitação do discurso como verdade passa longe do uso da força e do uso bélico, a inoculação do discurso como fora dita é algo imperceptível, pois o poder é dividido e não concentrado em um só.

Por esse fator, escritos como o de Maquiavel diante desta questão são considerados por Foucault errôneos, com uma dose absurda de dolo, uma vez que na obra “O Príncipe” de Maquiavel dá a totalidade do poder ao governante. Porém, a tese de Foucault mostra que a dominação vem pelo discurso e pelas ações do indivíduo em sociedade, pois o saber é produzido na relação em sociedade e nos processos sociais: “Resumindo, não é a atividade do sujeito de conhecimento que produziria um saber, útil ou arredo ao poder, mas o poder-saber, os processos e as lutas que o atravessam e que o constituem, que determinam as formas e os campos possíveis do conhecimento” (FOUCAULT, 2010, p.31).

O discurso como assinalado não vem a ser algo que surge do nada para o nada, como Foucault diz, ele é fruto do desejo oriundo do poder e do saber e são usados muitos meios para que este seja aceito. O autor mostra que o preparador do discurso se dá através de seus interesses primordialmente e faz conhecer o enunciado ao poder molar que é representado pelo poder político, sendo que este repassa para o poder molecular - que são as instituições - que por sua vez, usam os seus mecanismos, e um deles é o disciplinamento dos corpos.

O disciplinamento é mostrado por Foucault mais detalhadamente na obra “Vigiar e Punir” (2010) ao qual aponta que esta “estratégia” de dominação consiste em através do “adestramento” a norma social fazendo com que em nosso cotidiano se instaure uma

procura por viver nos moldes sociais fazendo esquecer até o que na verdade “somos”, isto é, seres pensantes, no qual adentra para retirar (poder humano de pensar por si) para se apropriar do pensamento de forma eficaz como dito:

O poder disciplinar é [...] um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”: ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. [...] “Adestra” as multidões confusas (FOUCAULT, 2010. p.143).

Então, de forma silenciosa e sistemática o disciplinamento faz reproduzir o discurso em vigor não só homogeneizando a maneira de pensar e ver o mundo, mas também punindo fisicamente com que é dito a todo momento que se não obedecer aos padrões pré-determinados ficará à margem da sociedade e passivos de punição e, assim, garantindo a perpetuação do mesmo. Contudo, Foucault levanta uma questão de “Neste nível não se trata de saber qual é o poder que age do exterior sobre as ciências, mas de que efeito de poder circulam entre os enunciados científicos; qual é o seu regime interior de poder e como e por que ele se modifica de forma global” (FOUCAULT, 1989, p.38). Definidos esses parâmetros é de ciência que este padrão global ao qual é modificado tem total alinhamento com o pensamento elitista e seus interesses, uma vez que como fora assinalado as armas do discurso são utilizadas por quem o formula e na sociedade do capital quem o faz é quem possui os meios de produção, e para manter no lugar evitando uma revolução de uma maioria lançam mão desse “trunfo”.

No que diz respeito ao discurso e sua forma de repetição Michel Foucault é bem claro do papel das instituições neste processo, sendo um dos pioneiros em falar de uma instituição nova que aparecerá na idade moderna - a denominada Mídia - e tendo o seu principal veículo os meios de comunicação no circuito midiático.

1.2 AFINAL O QUE É MÍDIA?

No conforme da certeza, na orgia do consumo/ Te conheço de outras luas/ Os meus olhos são sequelas/ E o quarto tá escuro/A tua imagem é imensa/ E eu to pra lá de tudo/ No deserto o grão de areia/ Entre o sonho e o delírio/ É a voz da propaganda embutindo os sentidos/ Salivando por devotos. Promovendo o fanatismo/ Projetando divindades/ Com paixão e violência/ Baixo nível de maldades pra aumentar a audiência/ Na verdade, na mentira/ A realidade é estar na mídia/ Que a tudo se assemelha.

(Arnaldo Brandão)

A mídia para os leigos é tudo o que se restringe aos meios de comunicação em âmbito de espargimento de informação e formas de entretenimento, entretanto, nada surge do nada para o nada, ou melhor, tudo neste mundo tem a sua origem e com a mídia não poderia ser diferente.

A instituição Midiática surge com a evolução do "*Homo sapiens*" através da necessidade do homem de se comunicar, ou seja, desde antes de Cristo na idade da pedra o homem sempre teve curiosidade de obter informações do que acontecia ao seu redor e com essa inevitabilidade no século VI a.C., o papel é inventado pelos chineses e a difusão de informações aumentou de sobremaneira, com esse advento os fatos históricos começaram a ser registrados nesses papéis, contudo essa propalação só ocorreu de forma avassaladora no século XV com a criação da imprensa por Gutenberg em 1438. Esse fato acompanhou a formação das urbes e a estruturação de países formando o continente europeu e sua hegemonia. Em virtude disso, viu-se a imprescindibilidade dos acontecimentos políticos, econômicos ou sociais, do Ocidente se registrarem e serem propagados em maior escala. Em virtude desse paradigma esses eventos passam a ser registrados em papéis que circulavam nas áreas mais habitadas surgindo o primeiro veículo midiático: o jornal (BURKE, 2002).

Assim com o decorrer das épocas a mídia foi se solidificando como meio de comunicação, e no período das grandes guerras mundiais no início do século XX a mídia amplia o seu poderio com a descoberta do rádio, tanto que até 1940 o rádio era o melhor amigo do homem. Em 1950 com a aceitação das tecnologias pela população a televisão vem com bastante força não apenas informando via satélite, mas também formando a conhecida massa consumidora, primeiramente o aparelho televisor transmitia somente imagens em preto e branco. Anos depois, em 1950, a imagem muda para colorida chegando o sinal em cores ao Brasil e em 1970 com a transmissão da primeira novela em cores com Regina Duarte, Lima Duarte e José Wilker como protagonistas de "Roque Santeiro" (SILVA, 1975).

Com o raiar do fim do século XX e início do Século XXI a geração tecnológica foi se aprimorando com o surgir e a popularização da internet, dos computadores, da telefonia celular e os aplicativos que permeiam a esses eletrônicos diversas utilidades, sendo imprescindíveis para a vida na era moderna. Esta mudança não é somente como se transmite notícias ou de que modo se obtém a informação nessa geração da comunicação, vem com o cunho de padronizar, ou melhor, disciplinar comportamentos naturalizando verdades em todas as instituições inclusive na educacional. Segundo Rocha:

Da era da industrialização à era da informatização, muitas foram as transformações operadas e continuamente naturalizadas no nosso cotidiano. Fez-se natural e desejável que estas novidades fizessem parte de nossas vidas, modificassem nossas percepções e nossos parâmetros, redimensionassem nossos objetivos, relativizassem nossos saberes e verdades. (2005, p.20-21)

Rocha vem com o cunho de que é válido que as tecnologias venham a ser empregadas em todos os âmbitos, pois é de fato inegável que esta veio facilitar, isto é, auxiliar o trabalho do homem. Contudo o que evoca a questão é: até que ponto está de fato sendo auxílio?

Neste tempo é impossível imaginar o mundo sem os seus avanços tecnológicos e sem os meios de comunicação como internet, rádio, televisão, celular dentre outros, pois estes além de funções de diversos tipos hoje são os principais veículos difusores e compartilhadores de informação vinculadas ao cotidiano, como notícias do mundo artístico acadêmico. Se alguém tiver com interesse de adquirir conhecimento basta ter um eletrônico com acesso à internet que a informação chega de imediato. Em posse de tanta rapidez a educação não poderia ficar à margem dessa evolução, então ela começa a aderir em seus processos os meios informativos indo desde seu sistema de matrículas até às suas salas de aula abrangendo tanto o espaço quanto o ensino.

Quem nunca proporcionou aos seus filhos assistirem vídeos que os ensinam a fazer inúmeras coisas? A grande maioria. Isso se deve a popularização da internet e como dito, invadindo todas as áreas da teia social, tornando a mídia a instituição mais poderosa que existe. No entanto, o que evoca a discussão é se a mídia como instituição social está presente na escola e no processo de aprendizagem e, considerando a mídia a instituição fomentadora das massas, então, o processo de disciplinamento começa desde a primeira fase do ser humano?

Este questionamento me fez lembrar de José Manuel Moran quando diz: “Antes da criança chegar à escola, já passou por processos de educação importantes: pelo familiar e pela mídia eletrônica” (2008, p.05), ou seja, a criança antes de ter contato com a escola ela passa por vivências e por essa razão não se pode em hipótese alguma dizer que a tal é um livro em branco. Moran (2008) fala em dois processos anteriores ao da escola que é o familiar e a Mídia eletrônica. A família é o primeiro contato com a sociedade, no entanto, hoje o trabalho é em dupla, pois a mídia já mantém os seus tentáculos desde antes que se aprenda a falar, ou seja, ela nos disciplina desde o nascimento. Todavia, como isso ocorre?

Quando penso nesse âmbito é necessário perceber que esse disciplinamento

acontece de forma imperceptível o qual perpetua padrões e induz comportamentos. Já que a mídia trabalha com fatos e imagens de diversos tipos, logo, para introduzir seus padrões utiliza-se desses recursos provocando o sujeito por meio do convencimento de aceitação daquele padrão que lhe é imposto sem o intermédio da força. Como diz Foucault:

Quando tiverdes conseguido formar assim a cadeia das idéias na cabeça de vossos cidadãos, podereis então vos gabar de conduzi-los e de ser seus senhores. Um déspota imbecil pode coagir escravos com correntes de ferro; mas um verdadeiro político os amarra bem mais fortemente com a corrente de suas próprias idéias; é no plano fixo da razão que ele ata a primeira ponta; laço tanto mais forte quanto ignoramos a sua tessitura e pensamos que é obra nossa; o desespero e o tempo roem os laços de ferro e de aço, mas são impotentes contra a união habitual das idéias, apenas conseguem estreita-la ainda mais; e sobre as fibras moles do cérebro, funda-se a base inabalável dos mais sólidos impérios. (FOUCAULT 1997, p.93 apud ROCHA, 2005, s/p).

O que Foucault magistralmente diz neste trecho é o que, antes imperava como força, hoje impera como a arte do discurso. Um exemplo claro é a relação do escravo e do senhor que se traduzia na idade média como uma relação de força, entretanto o que hoje a relação estabelece entre trabalhador e patrão consiste na base do discurso imposto que atribui aos dois elementos posições diferentes conforme o querer desse discurso, ou seja:

(...) existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que estas relações de poder não podem se dissociar, se estabelecer nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso. Não há possibilidade de exercício do poder sem uma certa economia dos discursos de verdade que funcione dentro e a partir desta dupla exigência. Somos submetidos pelo poder à produção da verdade só podemos exercê-lo através da produção da verdade. (FOUCAULT, 1989, p.179-180)

Assim, o Discurso produz os sujeitos sociais e a sociedade está sobre a sua tutela. Em posse desse conhecer, focalizo no prisma infantil com o seguinte questionamento: qual a tipologia de criança está sendo formada, ou melhor, qual tipo de criança as instituições querem forjar nesta pós-modernidade e quais são os assuntos contidos para esse disciplinamento? Para começar a responder essa questão tenho por primazia responder uma outra: quais são as mídias que estas crianças assistem? Para uma resposta satisfatória a esse questionamento resolvo lançar mão do feitiço de um mapeamento.

1.2.1 Mapeamento midiático: em busca de infâncias escondidas

Editoriais são pura megalomania. Manipulando minha vida todo santo dia. As FMs tocam a mesmice que eu não peço. Nada mais parado que parada de sucesso. Um ponto no Ibope custa a alma pro diabo. E eu pago pra enfiar Tv à cabo pelo rabo. Quatro enxeridas falam mais que Zarathustra. É isso que dá juntar mulher de Saia Justa...Um beijo do gordo!

(Rita Lee)

Quando navego nestas águas vastas e desconhecidas é sabido que para algo ser interessante tem que ser feito com formato atraente. E se tratando de criança a atração tem que ser bem mais impactante, então, resolvo fazer um levantamento midiático através de um jogo com figuras. Inicialmente fiz com o primeiro e o segundo período da Educação Infantil pertencentes de uma escola Municipal, localizada na zona Oeste do município de Manaus- AM.

Para o objetivo do conhecimento de quais mídias as crianças assistem nos dias de hoje, com o cunho de analisa-las e dentre elas escolher uma para o desenvolvimento deste trabalho, assim decido através de uma dinâmica expor os veículos de comunicação - Televisão, Internet, Celular e Computador - para o mapeamento a partir do método de entrevista, o qual foi desenvolvido da seguinte maneira: com a escolha da escola fui destinada a uma sala para a realização do estágio I (Educação Infantil) e conhecendo o ambiente pude perceber que as crianças inseridas nele gostavam de jogos e brincadeiras. E me valendo da sapiência que as crianças nesta fase do desenvolvimento não adquiriram ainda a leitura e a escrita foi acordado que seria passado um jogo para a execução da entrevista. O jogo consiste em um dado contendo escrito nas faces as seguintes palavras: Música, Desenho, Canais, Novelas, Filmes e Séries; e três imagens: um aparelho televisivo, um símbolo de internet e um computador acompanhado de um celular.

Estando tudo nos conformes conversei com a professora responsável pelas duas salas e assim na segunda-feira do dia dezessete de abril de 2017 pela parte da tarde apliquei a atividade com o primeiro período “A” daquela instituição. E quarta-feira, 19 de abril de 2017, pela parte da manhã apliquei a atividade com o segundo período “A”. Entrei na sala e fui apresentada às crianças e assim sentei com elas envolta da mesa e apresentei as três figuras e perguntei: Vocês conhecem o que estão nessas figuras? Elas responderam que sim, então, eu perguntei em ordem para cada um o que elas viam nesses aparelhos midiáticos. Mostrei os aparelhos e novamente perguntei se elas tinham esses aparelhos em casa e responderam de forma positiva, então, perguntei o que assistiam neles

dentre vários desenhos. Após esse movimento, mostrei o dado e pedi para que jogassem uma por vez e em seguida elas me traziam o dado e por não saberem decodificar as letras eu lia conforme o que estivesse escrito na face do dado e fazia a mesma pergunta do começo.

Com o andar da atividade, após mostrar as figuras e jogar o dado, os programas passados no computador (tablet e celulares), internet, televisão surgiram os nomes dos seguintes programas infantis: A **galinha Pintadinha** mencionada na televisão em forma de vídeo assistido na internet pela tv smart, Youtube e por meio de aparelhos de DVD e Blu-Ray; **Billy and Mandy** atração vista no Youtube, Moana visto no cinema, DVD e Blu-Ray; Homem Aranha, O Capitão América, Batman: O cavaleiro das Trevas, Wolverine e o Homem de Ferro, assistido na tv aberta (SBT) e fechada(Netflix, Mega Pix e Telecine); **Ladybug** tv aberta (SBT); **Tom e Jerry** tv aberta (SBT); **O Show da Luna** tv aberta (SBT eTV Escola) Youtube Kids; **O gato de Botas** DVD e Blu-Ray; **Batman, Sherek, Zootopia** no Youtube Kids; **Wolverine, Hulk e Capitão América** tv aberta (SBT) e fechada(HBO, Megapix e Telecine); **Carinha de Anjo** tv aberta (SBT); **Turma da Mônica** Youtube Kids; **Futebol** tv aberta (Globo); Filmes de Terror internet; **Patrulha Canina** Youtube Kids e v aberta (SBT),; **A pequena Sereia, Rapunzel e Enrolados** DVD, Blu-Ray, tv aberta (SBT) e tv fechada (Netflix, Disney Jr e Disney Channel, Youtube). Quando indagados sobre o que ouviam as respostas das músicas mais faladas foram: Galinha Pintadinha, Diante do Trono para Crianças, Funk, e Sertanejo Universitário.

Atendo-me aos programas, desenhos, filmes, novelas e músicas aos quais foram citados é perceptível que não há somente um tipo de discurso formando as crianças, muito pelo contrário, é notório que nestas atrações há um disciplinamento para que as práticas sociais sejam naturalizadas desde a tenra idade e pude ter contato com uma série de informações do mundo adulto adaptado para as crianças.

É comum nos dias de hoje ter contato com discursos feministas, machistas, marxistas, discursos de gênero, de posição da mulher na sociedade dentre outros em âmbito acadêmico ou no meio adulto secular, contudo, engana-se os que pensam que esse tipo de discurso é oriundo somente do mundo adulto, as atrações apresentadas são provas que as coisas do mundo adulto são incluídas nos corpos desde a primeira infância.

Quem nunca ouviu o dizer “O mundo é dos espertos”? Charlatões como Hermógenes personagem vivido por Tarcísio Meira na novela “Senhora do Destino” falou esta frase e as crianças repetem-na quase como um mantra, mas não quero tratar de

uma programação para adultos aqui e sim falar do conteúdo de um dos desenhos citados na entrevista: o Billy and Mandy. Ao assisti-lo é de fato impactante visto a concepção de criança que temos hoje, que é de um cidadão, contudo, com a ideia de que está em formação e sem malícia. A atração apresenta como personagens principais duas crianças que fazem um acordo com um ceifador, de nome Puro-Osso, que tem traços parecidos com o anjo da morte nos filmes de terror. A trama começa quando um dia o ceifador (Puro-Osso) aparece para levar a alma do hamster de Billy, e Mandy propõe uma aposta mediante a um jogo que se no caso ganhassem ele deixaria o animal vivo e seria amigo deles para sempre.

Além do enredo inspirado no gênero terror, que em muitos episódios aos quais tem um leve toque de magia negra como no episódio “Magia Adolescente”, tem a composição das personas das crianças-personagens. Uma completamente boba que é a personagem Billy, sendo descrita como uma criança inocente sem maldade, como se esta maneira de ser fosse ruim ficando refém das maldades da outra que é Mandy, considerada superinteligente, contudo é má, nociva, desobediente, grosseira, trapaceira e muito adulta. Essa adultização é levada para o lado do adulto trapaceiro e mau que faz tudo para conseguir o que quer não importando a quem prejudique, trata a todos mal, inclusive seus pais. Mandy não tem amizades, a única que tem é com Billy que pela sua imensa burrice obedece a tudo que ela manda, ensinando crianças a ser cruéis e aplicar expertise para cima dos outros.

O “mini adulto” aparece, também, na novela “Carinha de Anjo” de uma forma diferenciada, ao contrário de Mandy que é má, a protagonista da telenovela é boa e gentil, entretanto, costuma se meter em assunto de adulto e se mete em confusão por causa disso. Esta forma vai de encontro com o discurso da maioria a qual diz que criança tem de se preocupar em resolver coisas inerentes ao seu mundo, o infantil, todavia, evoca a seguinte questão: se a criança é um sujeito pertencente a sociedade como ter uma “mini” sociedade só dela? Impossível, uma vez que a criança é dotada de pensamentos tal qual um adulto, o que muda nessa questão é a faixa etária.

A Galinha Pintadinha apesar de o conteúdo mudar em relação ao desenho Billy Mandy e a novela Carinha de Anjo, tem como pauta a de dar uma nova roupagem para as cantigas de roda e de ninar cantadas pelos antigos e introduzir outras novas ao universo infantil. Entretanto, o que ressalta nesta análise é o conteúdo das letras ao quais são cantadas na atração da adultização aos papéis sociais e a discussão de gênero, isto é, como no papel de homens e mulheres em contexto social, um exemplo disto é a música “A

Galinha Pintadinha” - a qual diz - “A Galinha Pintadinha e o Galo Carijó, a galinha usa saia e o galo paletó”; outro trecho, “A galinha ficou doente e o galo nem ligou e os pintinhos foram correndo pra chamar o seu doutor”. Com o mesmo conteúdo dos papéis relacionado à gênero podemos citar os heróis Homem Aranha, Batman, Wolverine, Hulk e Capitão América ao quais dão aos homens o poder da força bruta e da violência.

A mesma concepção de violência aliada as pessoas do gênero masculino é presente em Tom e Jerry, uma vez que, suas diferenças são resolvidas de baixo de muita violência, os estúdios Hanna-Barbera aproveitam da relação de predador e presa entre o gato e o rato para contar as aventuras dos personagens e tanto o Tom para conseguir preda o Jerry usa de utensílios como facas, armas e bombas, quanto a personagem Jerry para se livras de ser comido utiliza da mesma forma para sobreviver.

As mulheres retratadas nos filmes: Homem Aranha, Batman, Wolverine, Hulk e Capitão América tem o seu superpoder relacionado a sensualidade como a da “Viúva Negra”, também encontrada em o “gato de botas”, onde uma das antagonistas é uma gata com aparência, ações e comportamentos sensuais. Elementos sensuais estão presentes nas roupas da ladybug e nos conteúdos das músicas de sertanejo universitário e nos funk’s citados como Olha a Explosão interpretada e composta por Mc. Kevinho que fala: “Quando ela sarra e o bumbum no chão chão/ Olha que quando ela bate com a bunda no chão/ E quando ela mexe com o bumbum no chão/ Quando ela joga com a bumbum no chão Quando ela sarra e o bumbum no chão chão chão chão chão[...]” (KEVINHO, 2016), outra é a sertaneja da dupla Pedro Paulo e Alex vulgo PPA “As novinhas tão sensacional” a qual diz: “Segura assim, ô! As novinhas 'tão sensacional As novinhas 'tão sensacional Subindo gostosa, prendendo legal Descendo gostosa, 'tá sensacional Isso aqui 'tá gostoso, 'tá fenomenal [...]” (PPA, 2016)

Quando se trata das mulheres nessas atrações, se não são extremamente sensuais são escritas como acéfalas que vivem somente em função da beleza ou são descritas na forma de princesas, mulheres extremamente bonitas que procuram o seu príncipe encantado. Isso mostra padrões de como deve ser uma mulher, alta, loira ou de cabelos negros compridos, de pele clara, cintura fina, quadris amplos, sempre muito bem maquiadas, e as tais que não se encaixam neste perfil não podem nem ao menos ser consideradas do sexo feminino, isso é referente ao look de princesa que são demonstrados nos filmes: A pequena Sereia, Rapunzel e Enrolados.

Ao refletir sobre preconceito e propor a quebra de paradigma, foi possível perceber nas obras Sherek, Zootopia e Moana histórias que indicam uma quebra de

preconceito. No primeiro filme, mostra um casal protagonista que são um tanto inusitados pois diferente dos contos de fadas onde príncipes e princesas são de uma beleza branca, magra, afilados, de cabelos loiros e olhos azuis, Sherek e Fiona são ogros e diferentes dos padrões de beleza estabelecidos como bonitos, assim mostrando que todos podem ter o seu “felizes para sempre”. Em Zootopia “discute” que não existe lugar fixo para as pessoas em âmbito social e que o lugar das pessoas é onde elas desejarem estar, demonstram isso com a história de Jude a primeira oficial coelha. Já em Moana por apresentar uma princesa fora dos padrões assinalam que não só de pele branca e loira pode ser uma princesa, mas sim, toda e qualquer mulher é uma princesa.

O peculiar nesta análise da quebra de paradigmas quando se trata de padrões de beleza vinculados as princesas Moana e Fiona percebo que os contextos das histórias propagam ainda verdades padronizadas. Até porque, mesmo a Moana sendo negra, a mesma preserva o mesmo padrão da Cinderela, por exemplo: cintura fina, cabelos longos, um animal de estimação a tiracolo. É possível perceber em uma das cenas do filme “Moana: Um Mar de Aventura”, Muau o fiel escudeiro da protagonista a chama de princesa, ela se nega a ter o título dizendo que ela é filha do chefe e dá parâmetros de uma princesa que coincide com a descrição da mocinha do filme, ou seja, o próprio enredo diz que ela não se difere das outras princesas.

E não esquecendo de Fiona, apesar de ser uma ogra mantém o mesmo refinamento de uma princesa, precisando de um “príncipe” ela só sai do castelo protegida por um dragão com ajuda de Sherek. Vale ressaltar que ela espera o príncipe encantado com os mesmos padrões que uma princesa, sendo loiro, alto e bonito, tanto que quando conhece o seu salvador é nítida a sua decepção. Com isso, surge uma pergunta que não quer calar: essa quebra de paradigmas, realmente existe? Pelo visto, não.

Quando citado o Show da Luna e Turma da Mônica penso numa infância regada de brincadeiras e descobertas, dando vasão a criação de uma criança curiosa, mas não aquela adulta e sim a que aprende tudo brincando e não deixando de ser criança, demarcando uma ideia de criança feliz.

Essa ideia romantizada de criança é a normativa social a mesma pensada pela verdade absoluta, é aquela criança que tem curiosidade de conhecer e descobrir o mundo, mas não de forma maquiada e sim de forma inocente, é a infância dita cândida e pura, a dita criança que não tem maldade.

Pinto caracteriza a criança romantizada como uma das principais peças do jogo social descrita pelo olhar bondoso da sociedade:

Quem quer que se ocupe com a análise das concepções de criança que subjazem quer ao discurso comum quer à produção científica centrada no mundo infantil, rapidamente se dará conta de uma grande disparidade de posições. Uns valorizam aquilo que a criança já é e a faz ser, de fato, uma criança; outros, pelo contrário, enfatizam o que lhe falta e o que ela poderá (ou deverá) vir a ser. Uns insistem na importância da iniciação ao mundo adulto; outros defendem a necessidade da proteção face a esse mundo. Uns encaram a criança como um agente de competências e capacidades; outros realçam aquilo de que ela carece. (1997, p.33)

Porém, quem dá vazão para que isso se torne verdade em âmbito social? Penso que seria a religião. Isso porque desde a idade média dão esse ar angelical para a criança.



Figura 1: Imagem, Madona rodeada de Anjos, de Ceni di Peppi Cimabue, 1270.



Figura 2: Madona de Sandro Botticelli.

Todavia, quando destrincho o sujeito criança a partir da idade moderna tem-se a ciência que este ser está em desenvolvimento, contudo, a inocência puramente pensada não faz parte da sua concepção, uma vez que, o estado de ignorância é porque não sabe, que a ação é pensada e o fato da criança não ter maldade, não se pode afirmar, já que, nenhum ser humano é onisciente. A ideia de uma criança, e conseqüentemente, de uma infância que precisa ser desenvolvida, pude perceber o porquê da propagação da ordem e da obediência às leis, que são tratadas na música “Marcha Soldado” da atração Galinha Pintadinha a qual diz “Marcha soldado cabeça de papel se não marchar direito vai preso no quartel”, dando aquela visão que soldado não pensa por si só e que eles como as crianças não têm direito ao pensamento ou ao questionamento assim como o soldado.

Pegando esse mesmo gancho encontro essa música com um conteúdo religioso no DVD do “Diante do Trono para crianças”, que é uma produção evangélica. Isso me fez questionar: o que tem haver uma produção para crianças gospel e uma outra secular? Em tese nada, porém nos remete ao que Foucault (2000) diz que os discursos apesar de diferentes são para uma só vertente a de nos homogeneizar, ou seja, que um mesmo discurso pode ser apregoado de formas diversificadas com o mesmo sentido.

Após essa tramitação entre tantas mídias infantis pude perceber primeiramente que o modo de assistir televisão modificou-se nos dias de hoje, com a popularização da internet, com a “TV digital”, a fabricação e as condições facilitadas de compras das “TV’s Smart” as crianças já assistem televisão com a transmissão da plataforma digital, ou melhor, assistem a programação já com a internet. Daqui a alguns anos aparelhos de DVD e blu-ray serão obsoletos e substituídos por aplicativos como Youtube dentro da programação televisiva, tanto que o aplicativo foi mais mencionado do que as atrações da tv aberta, configurando no mapeamento feito o aplicativo dominante pelo qual as crianças assistem desenhos, filmes e séries. Contudo, as crianças menos favorecidas ainda acompanham a programação de tv tanto aberta quanto fechada.

Pelo fator do barateamento da transmissão do canal fechado pela facilidade de compra do televisor, tanto a televisão ligada à internet quanto a transmissão gratuita (tv aberta) vinculam programas, desenhos e novelas veem criar uma fábrica a onde o produto final pode ser uma infância.

Não é o nosso foco discorrer sobre o que os veículos de comunicação estão se interessando em transmitir e sim que tipo de criança e infância estão formando e quantos modos de ver e ser a criança e a infância produzem. Buscando conhecer o conteúdo de cada item mencionado pude perceber a prática do discurso e compreender que de fato a mídia é a instituição mais poderosa do mundo tendo total domínio, pois está presente em todas as instituições sociais e se tratando de criança ela se apresenta não somente em um ambiente, ou melhor, não somente propagando um discurso, mas ela forma a criança em várias ambientações dependendo do seu entendimento e de sua condição social. Após esta travessia, evoca-me o pensamento: se a criança é disciplinada em um ambiente midiático propício, então, que infância a mídia reflete e modela nos dias de hoje?

1.3 OS ENUNCIADOS, O MIDIÁTICO INFANTIL E O AMBIENTE NA ÓTICA DISCURSIVA

Os maiores enganos do universo se escondem dentro de cada ser humano.

(Augusto Cury)

Analisando estas mídias e as tipologias de ideias de infância que elas vinculam pensei que o trabalho tinha terminado, todavia, descobri que não era bem assim, uma vez que ainda havia muitos enganos dentro de mim para serem desconstruídos. Ao fim do trabalho e com a descoberta de tantas mídias ditas na entrevista feita no campo do estágio, a pergunta no tópico acima ficou para ser respondida, então, fui em busca de mais uma travessia submetendo-me a um novo projeto de PAIC, realizado no período de 2017-2018, por titulação “O Ambiente Discursivo na Trama Zootopia: Inventando uma ideia de Infância e outras Mais...”. Procurando responder a indagação que ficara no ar, foi verificada uma série de coisas, visto que o discurso é uma ferramenta social que impõe verdades àqueles que o ouvem como mencionado. O primeiro ponto que posso constatar é que Foucault (2000) dá características para a existência e identificação desse discurso, valendo-me dessa informação, busquei obras que dissessem como esse discurso é formulado e transformado em prática pelo processo disciplinar.

Parti, então, para essa jornada e percebi que ao proferir a palavra discurso na ótica Foucaultiana se torna verídico que este não surge do nada para o nada, pois ele é uma construção, como se ele fosse uma personagem para uma peça de teatro, sendo constituído de partes.

E destrinchando estas o cunho é: “[...] que não mais se relacione o discurso ao solo inicial de uma experiência nem à instância a priori de um conhecimento; mas que nele mesmo o interroguemos sobre as regras de sua formação” (FOUCAULT, 2008, p. 89). Quando se visa entender algo tão complexo imagino como se estivesse dessecando um corpo e na imaginação de um corpo chamado Discurso entre seus órgãos vitais surgisse outra terminologia, pôr nome de Enunciado.

Quando ouvi essa palavra, logo atrelei a sua significação ao próprio discurso, contudo, Michel Foucault deu-me uma “rasteira”, pois: “[...]o enunciado não é uma unidade do mesmo gênero da frase, proposição ou ato de linguagem; não se apoia nos mesmos critérios; mas não é tampouco uma unidade como um objeto material poderia

ser, tendo seus limites e sua independência. [...]” (FOUCAULT, 2008, p. 97).

Ou seja, o autor demonstra que o Enunciado vai além de uma unidade do mesmo gênero de uma frase, proposição ou um ato de fala, todavia o mesmo diz que ele tem suas características:

Em seu modo de ser singular (nem inteiramente linguístico, nem exclusivamente material), ele é indispensável para que se possa dizer se há ou não frase, proposição, ato de linguagem; e para que se possa dizer se a frase está correta (ou aceitável, ou interpretável), se a proposição é legítima e bem constituída, se o ato está de acordo com os requisitos e se foi inteiramente realizado. Não é preciso procurar no enunciado uma unidade longa ou breve, forte ou debilmente estruturada, mas tomada como as outras em um nexó lógico, gramatical ou locutório. (FOUCAULT, 2008, p. 98)

O Enunciado com essas classificações não cabe por ser muito grande como uma prece que apresenta vários enunciados, outras por serem muito pequenas como uma frase, é por essa razão que não se deve procurar restringir a significância do Enunciado nessas unidades. Porém, o que vem a ser então? Foucault em “Arqueologia do Saber” (2008) caracteriza como:

[...] uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles "fazem sentido" ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita) (FOUCAULT, 2008, p. 98).

Então quando se trata de Enunciado, jamais este pode ser confundido com proposição, frase ou ato de fala e, sim, posso dizer que é a condição de existência para que todas estas coisas ganhem vida, ou seja, o Enunciado vem a ser a função de existência do discurso.

Com posse dessas informações pode-se vislumbrar com maior clareza o discurso na sua construção, todavia, toda a formação tem um local onde o seu funcionamento pode ser visto, e onde se vê o agir do Discurso social? Na sociedade, claro, porém decidir por compreender pelo viés do ambiente.

Quando falo de ambiente é notório que se tem o costume de entendê-lo estritamente pela via do natural, como dito que “dentre as várias instituições que falam de ambiente hoje, recebem destaque nas mídias algumas que tem o foco em temas como: preservação, conservação e sustentabilidade do ambiente” (GARRE, 2015). Bárbara Garre fala essas palavras, discursiva que quando a temática ambiente entra nas rodas de conversas quer sejam científicas ou no senso comum a relação que se faz é com o

ecologismo, os bens duráveis e não duráveis em torno dessa perspectiva, no senso comum isso não assusta, porém em âmbito acadêmico é de se espantar, uma vez que:

[...] tratamos o ambiente como um produto de discursos e não como espaço/lugar perene em que os seres vivem, sempre em harmonia com tudo o que os cerca. Ambiente como objeto discursivo, muda de acordo com as condições históricas, culturais e sociais. Pois no discurso econômico o ambiente é sustentável; no discurso ambientalista ele é intocado; já para a política militar do governo brasileiro na década de 1950 era ocupável; nos relatos bíblicos era dominado; em culturas de povos da floresta era sagrado, mas e na atualidade, o que é ambiente? (OLIVEIRA, 2015, p.11).

Neste trabalho vejo o Ambiente de forma ampla como ele realmente é, como um lugar polissêmico e polifônico, onde não somente os assuntos relacionados ao ecológico e a cor verde predominam, e sim como um lugar também político, cultural e social.

Galgando a passos largos em nosso fazer teórico-metodológico descobri que de acordo com a época e de como a sociedade se apresenta o grande enredo discursivo se desenha de forma diferenciada, como se em cada época as suas engrenagens modificassem e novos tipos de funcionalidade e fluidez fossem agregadas ao processo, e se isso ocorre há uma expectativa, uma produção dicotômica do comportamento humano e sua relação com o ambiente.

Partindo desse pressuposto, posso afirmar que há uma produção de ser humano para cada ambiente. A partir desse ponto chego ao entendimento que essa produção da prática social através do disciplinamento não começa no adulto, mas sim se inicia desde criança a partir da sua relação com o ambiente que a cerca. Então as indagações voltaram a se fazer presentes e se unir com as que existiam acerca do tipo de criança que a sociedade moderna formara: como a mídia as formava e que ambientes estavam sendo colocados para a dispersão do discurso, e que novos desafios a escola atual têm de enfrentar?

Prosseguindo em conhecer a minha visão do que é Discurso e como ele age, no meu prisma se tornou uma grande peça de teatro, a onde o Enunciado é um dos Escritores, o Discurso é o protagonista, o disciplinamento é o diretor, Ambiente é o cenário onde tudo acontece e os telespectadores os consumidores, sendo “doutrinados” pelo que acontece no palco. Assim, detive-me a entender melhor o cenário da fabricação destas ideias de infâncias. E para isso, precisava conhecer o que é o ambiente.

1.3.1 Ambientes e suas configurações

Era uma casa muito engraçada não tinha teto não tinha nada
 Ninguém podia entrar nela não porque na casa não tinha chão
 Ninguém podia dormir na rede porque a casa não tinha parede
 Ninguém podia fazer pipi porque penico não tinha ali
 Mas era feita com muito esmero na rua dos Bobos número Zero.
 (Vinícius de Moraes)

Ao começar a olhar o Ambiente da forma que ele é me vi em uma gama de caminhos que ia além do biótico, de início achava a discussão paupérrima, indigna de que perdesse o meu tempo me debruçando em tentar compreendê-la, todavia, como de costume desde que entrei pela vereda da pós-crítica me surpreendi com uma discussão riquíssima.

Tinha a visão pobre sobre o assunto, visto que, para mim o Ambiente era estritamente vinculado ao ecologismo, a preservação, ao verde, as passeatas e protestos do greenpeace que passavam na televisão, as palestras enfadonhas do colégio sobre ser ecologicamente sustentável sendo que a maioria dos pais dos alunos da escola trabalhavam com minério que gera um impacto enorme na natureza, ou seja, a visão de um gavião que acha que é galinha.

No princípio via a questão desse prisma, pois, fui condicionada a isso o nicho que eu vivia era de exploradores de minério e o senso de conservação deveria estar em mim, não que eu não me importe com a questão do planeta e sua perpetuação, porém a discussão é bem mais profunda e deveria ser ampliada para o que realmente é, um assunto polissêmico que engloba uma gama de questões indo além do bio já que:

O saber ambiental problematiza o conhecimento facionado das disciplinas e a administração setorial do seu desenvolvimento, para construir um campo de conhecimentos teóricos e práticos orientando para a rearticulação das relações sociedade-natureza. Este conhecimento não se esgota na extensão dos paradigmas da ecologia para compreender a dinâmica dos processos socioambientais, nem se limita a um componente ecológico nos paradigmas atuais. O saber ambiental transborda o campo das ciências ambientais (...) O saber ambiental emerge desde um espaço de exclusão gerado no desenvolvimento das ciências, centradas em seus objetivos de conhecimento, e produz os desconhecimentos de processos complexos que escapam a explicação dessas disciplinas (LEFF, 1998, p.124)

No contato com a temática me senti a casa de Vinícius de Moraes, ele narra uma casa que teoricamente não existe uma vez que, ele descreve uma casa que não tem os fundamentos físicos de uma paredes, teto, chão e etc... No poema ele desconstrói a ideia de casa assim como tive que desconstruir as ideias de ambiente, já que, Ambiente existe

muitos e neles o verde não é predominante.

Nessa perspectiva indago o papel da escola como propagadora desse pensar único, para que, ou melhor, com que cunho esse olhar pro natural é aprimorado se existe diversos tipos de ambientes que tem o seu destaque? Muito obvio, as temáticas tratadas pela educação têm haver com o interesse social e qual seria o interesse nesta tipificação, simples a preservação pela perpetuação da indústria.

Bom, todavia, este trabalho não se trata disso, digo isso, pois, temos uma vasta rede discursiva sobre ambientes o Natural que todos nós conhecemos, por exemplo, que é o verde, esse mesmo ambiente é presente no construído? É claro que não.

São essas inquietações que nos fazem indagar quais tipos de ambientes existem e que linguagem há em cada um deles que é de que maneira o mesmo ambienta-se para a formação das ideias de infância.

1.3.1.1 Ambientes e suas multiformas

Eu fui aparelhado para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.
(Manoel de Barros)

Fui aparelhada, ou melhor produzida a enxergar o ambiente na forma natural conforme a natureza, fui programada ao falar de ambiente a olhar os animais, a floresta e o verde, contudo, o Ambiente é um universo e neste universo coabitam vários Ambientes, e estes Ambientes formam e comportam várias coisas, inclusive ideias, estas que carregam informações de como ser, se portar e de vislumbrar as coisas e os pensamentos, incluindo as concepções de infância.

Quando pensei em Ambiente, logo veio-me à mente como assinalado acima a concepção de fauna e flora, todavia, quando olhei historicamente estes conceitos pude datar que ocorreram até uma mudança conceitual em relação a esses verbetes. Pois, de primeiro se falava muito em Natureza, após em Meio Ambiente, e depois em Ambiente, o que evoca a questão do porquê desta mudança?

Ao me ver diante de tal questionamento a grande maioria diria que a causa é a evolução do pensamento humano, ou seja, o imergir na veracidade do conceito no seu radical, através do conhecer humano o mesmo foi ganhando novas significações e

tomando novos espaços, mas ainda me questiono: será que as mudanças de ideias aconteceram? É evidente que não.

Aqui não quero rebaixar a intelectualidade e sim mostrar que a própria evolução do homem não é para o seu bel prazer, porquanto o que se deseja explanar neste contexto é que para essa mudança não importa o conhecimento ter todo o mérito. Pois, até ele serve de uma norma social, tudo serve à sociedade e a verdade absoluta que ela elege dando-lhe possibilidade de existência:

[...] produção de conhecimento, o fardo arqueológico do saber, em torno da materialidade de um objeto e sua existência histórica, sedimentos fossilizados que demandam escavação incessante e exaustiva, fazendo aparecer as condições de possibilidade de um discurso, ou seja, os elementos e características que propiciaram o aparecimento e a circulação de um dado fato discursivo (MILANEZ & BITTENCOURT, 2012, p.9).

E com o Ambiente não é diferente, na dicotomia se encontra em como é vinculado e as condições existenciais que possuem, ou seja, de acordo com a verdade social os elementos enunciativos de Ambiente se modificam e ganham nova roupagem. Um exemplo claro é que de início muito se falava em natureza e o seu potencial para a indústria, contudo, com o andar da utilização da mesma foram percebendo que os seus recursos são finitos, assim o discurso muda para o Meio Ambiente e sua conservação, mais tarde perceberam que esse pensamento deveria ser amplificado, pois, Ambiente tem significação bem mais abrangente e esse movimento acarreta todo um trabalho inclusive imagético como diz Oliveira (2016):

E, por mais altruísta que possam parecer, até as imagens que divulgam os programas de proteção às focas na atualidade tiveram condições de possibilidade para emergir. Não são as imagens, portanto, produto de um processo de conscientização do homem. Mas elas ajudam a construir uma suposta atitude desejável no homem, a de cuidar da natureza. (p. 23)

Ou seja, até as concepções de Ambiente atendem normativa social e conforme o que deseja esses discursos ganham vãs e, por conseguinte, existência pelo viés que Foucault chama de verdade absoluta.

Entretanto, se tratando da nossa sociedade e da nova concepção de plural, para não dizer global de Ambiente, pergunto: como esta concepção é vinculada? Deparo-me com a resposta, ao lembrar o que mais cedo assumi que a Mídia com as suas imagens e programações é a principal mola propulsora das práticas disciplinares nos dias de hoje,

se é de fato verdade a mídia também vincula a concepção de Ambiente, sendo hoje com mais abrangência: “A circulação de tais verdades na mídia se dá de diferentes formas, seja em propagandas publicitárias, em reportagens impressas, em programas de televisão, em gibis, em livros de literatura infantil e tantas outras.” (GARRÉ; HENNING, 2017, p.02) e aprofundando ainda:

Na “era da internet”, como alguns chamam o século XXI, a produção discursiva se intensificou, a quantidade e o acesso à informação são cada vez maiores, concorrendo com vantagens sobre os meios convencionais de educação. Logo, o ensino, que antes ficava centralizado nas escolas, hoje se tornou “cybernético” e pode ser produzido a quilômetros de distância física do ponto de produção da informação (OLIVEIRA, 2016, p. 24).

Bom, sei que a mídia amarra muito bem essa teia de tal forma que os seus lucros são bilionários e que seus investimentos se pagam. A questão é que dentro dessa pluralidade, o que ela está vinculando para sociedade? É o que quero destrinchar a partir da análise do filme Zootopia.

Ao imergir em conhecer o nosso objeto de estudo - o Ambiente e a produção de infâncias - pude notar que a concepção de ambiente biótico, abiótico, social, cultural e porque não dizer político, ultrapassam os dicionários e desaguam em nossa realidade, o que me esclarece: “Discurso esse que não tem sua origem na fala de quem o profere, nem em lugar algum que possamos abstrair, um autor a que se possa remeter, mas que em seu anonimato circula produzindo múltiplas formas de ver, dizer e agir sobre o ambiente, quando falamos dele/nele.” (OLIVEIRA, 2016, p.23)

Procurando sanar nossas questões como aferido acima, assisti todas as mídias mencionadas pelas crianças na entrevista realizada, e dentre elas foi feita a escolha do filme “Zootopia: Essa Cidade é o Bicho”. Nesse contexto, pude vislumbrar diversos tipos de ambientes e notando neles que cada personagem tem um ambiente não somente externo, mas também um outro dentro de si e este se desvela como uma teia formando diversos discursos que produzem além da persona, a trama.

E por falar nela, o enredo começa nos revelando diversos tipos de Ambientes e o curioso é que estes formam ideias de infância totalmente diferentes que me disciplinam a pensar conceitos que formam regras que não podem ser aplicadas no geral, isso porque para toda a regra tem suas exceções. E quais regras e exceções encontrei nessa trama?

O Zootopia: a cidade é um bicho trata-se de um filme de animação computadorizada, dos gêneros aventura e comédia, produzido pela Walt Disney

Animation Studios. O filme conta a história de Judy Hopps, uma coelha com o sonho de se tornar policial na cidade de Zootopia, e da raposa Nick Wilde, que ganha a vida na base da trapaça. Juntos terão de superar suas diferenças para desvendar um caso em Zootopia. O filme foi dirigido por Byron Howard (co-diretor de Bolt e Tangled), Rich Moore (Wreck-It Ralph) e Jared Bush como co-diretor (Penn Zero: Part-Time Hero). Neste ano o filme ganhou o Globo de Ouro e o Oscar de Melhor Filme de Animação.

Enfim, a escolha do filme se deu, pois, o longa-metragem possibilitou-me problematizar as questões que me propus. Resgato que com o resultado do primeiro trabalho revelou o indício que o midiático, o ambiente e os enunciados foram fundamentais para que eu entendesse como a formação se dá, a ponto de compreender as infâncias escondidas em cada um desses ambientes. E para direcionar meu olhar, indaguei-me: como os filmes infantis tratam sobre este produto de discursos e como este reflete nas fabricações de uma infância atual? Existe uma infância atual? Quais modos de ver as ideias de infância que os enunciados instituem nos ambientes dos filmes infantis, especificamente do filme Zootopia? Quais demarcações disciplinares constituem essa rede discursiva? E que verdades estão sendo determinadas e “naturalizadas” sobre estes modos de ver o ambiente e a infância revelada nestes enunciados discursivos?

2 OS AMBIENTES DA TRAMA ZOOTOPIA: INVENTANDO UMA IDEIA DE INFÂNCIA E OUTRAS MAIS...

[...] Mas eu estava a pensar em achadouros de infância. Se a gente cavar um buraco ao pé da goiabeira do quintal, lá estará um guri ensaiando subir na goiabeira. Se a gente cavar um buraco ao pé do galinheiro, lá estará um guri tentando agarrar no rabo de uma lagartixa. Sou hoje um caçador de achadouros de infância. Vou meio dementado e enxada às costas a cavar no meu quintal vestígios dos meninos que fomos. [...]

Manuel de Barros

Se a gente cavar um buraco ao pé do discurso, do disciplinamento, da mídia e do ambiente no quintal de Zootopia, lá estará o menino Foucault reconfigurando modos de (trans)ver infâncias, pois quando lemos Manoel de Barros (2003) é impossível à vista do que quero nesta pesquisa não me remeter a mesma figura descrita pelo escritor. Neste percurso assumido imaginei com enxadas às costas a cavar no quintal os meninos, ou melhor, meninas que fui, todavia, que quintal é esse? se posso dar um nome a ele que nome daria? Discurso, Enunciado, Disciplinamento ou Mídia? Não, o nome mais apropriado seria, Ambiente.

Como assumi aqui, Ambiente tem suas multiformas é uma espaço biótico, abiótico, cultural e político e este atende às normas sociais tanto quanto o discurso, ou melhor, sem o Ambiente o discurso não tem como existir, mais cedo, encarava o Ambiente como cenário em que tudo acontece, e continuo neste contorno, todavia, o percebendo como cenário de múltiplas formas.

Discorro nesta perspectiva, valendo-me do entendimento da pessoa que se debruça em classificar a importância dos elementos que compõe uma peça de teatro, diz que o cenário é um dos menos importantes, no entanto, é o primeiro a ser pensado, uma vez que, sem ele a personagem principal não existiria.

Quero demarcar é que a ideia de infância é intimamente ligada ao Ambiente e o mesmo é ligado a ela, ou seja, não poderia olhar a ideia de infância separada da ideia de Ambiente, uma vez que, como o cenário traça a criação da personagem, o Ambiente desenha as ideias de infâncias, o qual compõe os ideais de criança.

E valendo-me disso começarei a descrever os ambientes do filme Zootopia e a analisar o que posso escavar nos quintais do Zootopia os meninos ou meninas escondidas, neste momento eu me sinto como Manoel de Barros (2003) olhando para o que sou hoje, a maneira que fui produzida, cavando com uma pá no meu próprio quintal, o passado da menina que fui, e nos dias atuais procurando novas infâncias para entender que tipo de

criança visita o nosso tempo e o que elas tem de tão diferente ou igual ao que fui.

2.1 OS AMBIENTES DA TRAMA ZOOTOPIA

Assim como por Fafá de Belém com a música “Vermelho” composta pelo sambista amazonense Chico Silva (1996) dizia que seu coração era vermelho e de vermelho vive o coração, quando se trata de Ambiente muitas vezes até para quem é referência no assunto a cor descrita é o verde.

Como discorrido nestas palavras vistas como minhas, mas oriundas de concepções sociais, atendo-me a esse trabalho que me é bastante proveitoso e porque não dizer deleitoso, a assinalar os ambientes descritos nesta trama e a configuração de cada um deles.

Sinto-me Sherlock Holmes² (1854), munida de uma lupa, procurando perceber nos ambientes o que ninguém nunca notou, olhar para o que passou despercebido, cavar naquele canto da cena ambiental que ficou intocado, a diferença se faz que o investigador procurava nestes ambientes a resolução de crimes, eu neste contexto procuro infâncias, aquela que não foi vista, ou melhor, apercebida.

E para isso nada mais interessante do que entrar na personagem da mulher da parábola bíblica da “Dracma Perdida”, a qual tendo perdido uma das dez dracmas, na época uma (dracma) equivalente a um dia de trabalho, a procura até encontrá-la. Da mesma forma, demarco aqui a nossa dificuldade de encontrar o todo e chegar ao radical das coisas, porque não sou condicionada a se chegar nas entrelinhas, até porque isso requer esforço. E escavar incessantemente até que se chegue ao tesouro para que eu pudesse fazer essa imersão, fez-se necessário a descrição dos Ambientes do filme em busca das infâncias. Como diz a bruxa do desenho ‘As Aventuras Do Pica-Pau’ (1940): *“E lá vamos nós!”*.

Apanho minha lupa, meu casaco e vou procurar no quintal os Ambientes escondidos da trama, já que Zootopia tem 12 ecossistemas dentro das suas fronteiras, entretanto, só discorrem os três principais fora a cidade da protagonista Judy Hopps.

A cidade cosmopolita é cercada de ambientes (bairros-habitats) separados com suas especificidades e em junção formam o centro que seria a cidade descrita, todavia, irei descrever o ambiente do campo cidade da protagonista e da megalópole (Capital e três bairros-habitats que configuram os distritos da Zootopia) que perpassam na trama do

² Personagem de ficção Britânico criado por Arthur Conan Doyle.

filme, os distritos da cidade são: Praça Saara; Drundralândia; Distrito Florestal; e, a Cosmopolita Zootopia.

Para começo da descrição, o primeiro ambiente que aparece na trama é a cidade da protagonista Judy Hopps, que é como qualquer cidade interiorana americana, cercada de árvores, com as casas quase todas do mesmo padrão, feitas de madeira de carvalho com cercado baixo, com telhado em triângulo, com plantações, no caso de Judy a de cenoura, ou seja, é uma cidade do interior a qual produz matéria-prima para consumo e que tem como comércio a venda desses insumos em natura, ou os produtos derivados deles como tortas, por exemplo.



Figura 3: Cidade de Bunny Burrow



Figura 4: Bunny Burrow Festival da Cenoura

A grande questão dessa descrição é o estereótipo no que tange a formação deste Ambiente para quem não pertence a ele, uma vez que, as personagens descritas são de pessoas sem perspectiva, como se o fato, do ambiente em questão ter contato com as coisas simples formasse um exército de pessoas inocentes que não sabem como ver a vida. A cena que deixa isso claro é a que Judy e Nick se embatem pela primeira vez após a oficial descobrir que foi enganada:

Judy Hopps: - Tá eu te defendo e você mente pra mim!

Nick Wilde: - Isso se chama golpe, meu amor, e eu não sou mentiroso, ele é. (Judy olha para o lado e não ve ninguém e Nick foge a enganando).

Judy Hopps: (ela consegue acha-lo e grita e sai correndo atrás dele)
- Ei...tá legal seu meliante você tá preso!

Nick Wilde: - ah é...e porque? (diz com desdém)

Judy Hopps: - Há sei lá...por vender alimentos sem permissão, transportar produtos sem notas fiscal, propaganda enganosa.

Nick Wilde: - Permissão, recibo de notas fiscais...eu não fiz

propaganda enganosa de nada.

Judy Hopps: -. Falou pra aquele rato que os palitos que está aqui eram de cerejeira!

Nick Wilde: - Isso mesmo, cerejeira, o sorvete daqui era de cereja, só lamento cenourinha faço isso desde que eu nasci.

Judy Hopps: - Vai se arrepender de ter me chamado de cenourinha!

Nick Wilde: - ah foi mal achei que você tivesse saído de uma plantação do interior, tô errado?

O Ambiente aqui demarcado tem como conjectura bem forte o preconceito campo e cidade, a cena descreve que o ambiente silvestre forma pessoas predáveis a golpes, inocentes, idiotas dentre outros adjetivos, todavia, quem caía nos golpes eram os cidadãos de Zootopia, até que ponto os estereótipos nos moldam? Isso é uma questão a ser respondida em outro projeto.

Entretanto a personagem aparece com esses traços, pois quando os pais vão se despedir da personagem na ferrovia aparecem com um kit de defesa anti-raposa e Judy as defende. Quando ela conhece Nick tem o mesmo proceder, mesmo sabendo que ele poderia ser um trapaceiro, tanto que quando descobre a verdade ela fica furiosa por não ter acreditado nele.

A segunda aparição é o ambiente da Praça Saara. Esse ambiente tem uma aparência desértica, aparece cheio de dunas de areia e com uma composição de cidade parecida com Dubai nos Emirados Árabes, que é uma cidade no deserto, com prédios em diversos formatos incluindo o de plantas da região, tanto que a primeira imagem da cidade Praça Saara é um prédio em formato de uma tamareira, “uma planta original do deserto que produz um dos frutos mais caros do mundo, as tâmaras, usadas em natura tanto para consumo, quanto para produção de diversos alimentos, além de bebidas variadas inclusive alcoólicas como o licor” (GLOBO REPORTER, 2016, s/p).

Que tipo de realidade é retratada nesse Ambiente? Penso ser, a velocista. Digo isso pois, quando ela entra nesse ecossistema aparece um grupo de camelos de coluna encurvada (corcunda) correndo com se tivessem treinando para uma competição, é de ciência que quando se fala em deserto o camelo vem como figura representante desse ambiente, não quero destrinchar aqui a fauna deste ecossistema, porém essa imagem diz muita coisa sobre a infância deste lugar.

Lendo no passado e assistindo documentários me é de total ciência que os camelos podem passar até 50 dias sem tomar água e se destacam pela sua velocidade, tanto que

são utilizados como transporte pelos habitantes dessas áreas, porém o que isso tem a ver com a infância? Tudo. Visto que se a fauna do lugar passa por esses entraves as pessoas também passam, ou seja, as crianças também passam a dicotomia que faz presença aqui é que o camelo tem condições biológicas para esse ecossistema o ser humano apesar da sua capacidade de adaptação não apresenta essas características.

Quando penso no treinamento de corrida olho como uma das poucas chances de as pessoas ali mudarem o seu padrão de vida, isso advém da dificuldade de mudança através de outras vertentes como o estudo e a hereditariedade, uma vez que, nestes lugares é quase escassa a universidade, por exemplo, pela situação precária dos mesmos e o caso da herança pelo fato de que os habitantes dessas áreas tem uma má distribuição de renda, prova disso que o Iêmen e Catar tem o seu PIB (Produto Interno Bruto) a frente de muitos países porque dono de jazidas de petróleo moram nestes países, ou seja, a maioria da população ganha tão pouco que a sua contribuição para a riqueza do país é quase nula, então, qual é a única saída para esse *up*³ social? O esporte.

Ao me permitir visualizar esse conceito, quero demarcar que para vencer a fome e a falta de estudo os cidadãos desses lugares utilizam de habilidades próprias como a esportiva, um exemplo, é Mo Farah que nasceu na Somália e foi quatro vezes campeão olímpico (5.000m e 10.000m) presente nas olimpíadas do Rio de Janeiro em 2016. Um fato interessante, ficam pouco tempo em seus países quando ganham notoriedade e foi o que aconteceu com o atleta hoje nacionalizado americano.

Isso mostra que a infância nestes lugares é tratada de forma esquecida, a coluna disforme dos camelos corredores me faz aludir a má formação gerada pelo mal desenvolvimento das crianças neste lugar, oriunda da escassez de recursos, e para vencer a fome por muitas vezes a morte tem que usar habilidades próprias como afirmado mais cedo.

O filme produz para esse lugar uma infância pobre, com poucos recursos, todavia, não a assinala explicitamente, o que mostra com mais afinco é a parte abastada, que existe, porém não é o real vivido pela maioria, como dito a cidade sede da Praça Saara parece a Dubai da nossa realidade, construída com dinheiro dos Shakes Árabes dando a entender para quem não conhece a realidade do local que a desigualdade é quase nula, o que não compete com a realidade, uma vez que, o homem mais rico do Brasil é um classe emergente nessa cidade visto a suntuosidade e o luxo que ela ostenta.

³ Palavra de origem americana de significado “Por cima”.



Figura 5: Praça Saara



Figura 6: Esporte na Praça Saara

O terceiro ambiente demarcando no filme é a Drundralândia, que tem a sua imagem vinculada aos países frios como as cidades Russas, Italianas, Siberianas, ou qualquer outra cidade fria de primeiro mundo, o que chama a atenção nesse contexto é que o ambiente formador gera uma criança elitizada apegada às tradições, à família, a qual faz de tudo para preservá-la, tendo por base para afirmação a descrição da personagem em que o mafioso de Zootopia o Sr. Big um musaranho personagem inspirado em Dom Corleone personagem interpretado por Marlon Brando em O Poderoso Chefão (1972), ao saber que a sua filha foi salva por Judie Hopps revoga a sentença de jogá-la no gelo, mesmo tendo feito a promessa de que se voltasse a encontrar Nick Wilde o mataria por suas falcatruas:

Nick Wilde: - Sr. Big, senhor...foi apenas um engano (Sr.Big estende a mão para Nick beija e ele a beija) foi apenas um mal entendido.

Sr. Big: - Veio sem avisar no dia em que a minha filha vai se casar.

Nick Wilde: (Nick titubeia) – Nem queríamos estar aqui...então hehe...o problema que eu não sabia que o carro era seu, muito menos que era casamento da sua filha

Sr. Big: -Confiei em você Nick, abri as portas da minha casa, nós comemos juntos a nona fez até um canole e como é que você me retribui? Com um tapete feito de pele de Gambá, de gambá podre, foi um desrespeito comigo, foi um desrespeito com a minha nona que eu enterrei naquele tapete fedorento, eu falei para você nunca mais aparecer por aqui e olha você, metendo o bedelho com essa...é fevereiro, carnaval, pra que fantasia!?

Judy Hopps: -Senhor eu sou uma po... (Judy é interrompida)

Nick Wilde: -Mimica, ela é mímica, e mímicos não podem falar, só gesticule, não fale (diz ele desesperado)

Judy Hopps: -Não sou uma policial (Nick fica desacreditado) e procuro Emesti Lontroza a lontra e as evidencias me levaram até o seu carro, pode me intimidar o quanto quiser, eu vou descobrir o que aconteceu com ele quer você queira ou não!

Sr. Big: (Calmo) -Ah...então eu tenho apenas um pedido (com um sorriso maquiavélico no rosto) digam oi para minha nona, pro gelo!

Nick Wilde: -Não, Não, Não... eu não vou dizer nada, eu não vi nada! (Diz amedrontado)

Sr. Big: -Nunca mais vai ver (nesse momento os capangas que são representados por ursos agarram Nick e Judy e abrem um alçapão onde nele passa um rio de gelo)

Nick Wilde: - por favor, Não, Não, Não... se está brabo comigo por causa do tapete eu tenho vários outros...(Nick fala apavorado)

Filha do Sr. Big: -Paizinho é hora da dança (ela gira e estende a mão para o pai e ele pega a mão dela olha e se depara com os dois e dispara) ah, você prometeu ninguém no gelo no meu casamento!

Sr. Big: -Eu sei disso meu bem, mas, é necessário, joga! (ordena)

Filha do Sr. Big: -Para.... pera aí (diz num súbito) a coelhinha que salvou a minha vida ontem, da rosquinha gigante!

Sr. Big: -Essa coelha? (fala com desdém)

Filha do Sr. Big: -É...ooi (acena)

Judy Hopps: -Oi arrasou no vestido!

Filha do Sr. Big: Ah...Obrigada!

Sr. Big: - Solte os dois, você salvou minha filha vou te ajudar a achar a lontra, vou usar seu exemplo e passar adiante. (ZOOTOPIA, 2017).

O que pode ser ressaltado aqui é que este ambiente dá vazão para formação de pessoas que focam mais no seu seio familiar que são mais fechadas a aproximação de outras pessoas, apegadas às tradições, que só tem amabilidade com aqueles que fazem bem para os seus.

Analisando o animal representante, o Musaranho, é de ciência que o mesmo é o menor mamífero do mundo, mas, por que ele foi escolhido? Poderia ser pela homenagem a Marlon Brando o ator que dava vida a D. Corleone já que o mesmo tinha 1,75 metros considerados baixos em relação a outros atores americanos.

Entretanto, investigando as características do musaranho descobri que o mesmo é comilão por ter um metabolismo muito rápido e fazendo referência aos hábitos alimentares das pessoas oriundas de lugares de temperaturas baixas vejo uma dieta calórica e várias refeições aos dias com esses alimentos. Isso tudo tem uma explicação, e é que pela existência do frio o corpo precisa se manter aquecido e para isso precisa de nutrientes, ou melhor, de gordura, e para transformá-la em fonte de calor o metabolismo entra em ação trabalhando com mais rapidez assim como no animal referido, vislumbrando a primeira comparação, ou estereótipos, que as pessoas de lugares frios tendem ao pecado da gula.

A segunda observação é que o musaranho é briguento, até na hora de acasalar eles brigam dando a entender que as pessoas oriundas desses lugares são pessoas que não

dispensam uma disputa isso é explicável essa prisma é formado pela fama histórica das primeiras civilizações destes lugares como, por exemplo, os Vikings, que historicamente são vistos como um dos povos mais guerreadores e cruéis da história, dando por fim a característica criminosa da personagem que como descrito, usa de práticas de tortura clássica das máfias, como a de jogar seus inimigos no rio gelado e assistir eles morrerem de hipotermia.

Ou seja, vale ressaltar que o ecossistema retratado forma o estereótipo de pessoas que trabalham com coisas escusas, o que não compete com o real, pois, o que seria da Itália, por exemplo, se somente tivesse como trabalho a máfia.



Figura 7: Dunderlandia vista do Alto



Figura 8: O distrito de Dunderlandia



Figura 9: Encontro do Sr. Big com Nick Wilde



Figura 10: Judy ameaça Sr. Big

O quarto ambiente é o Distrito Florestal, quando analisado remete a savana africana, ou, a uma floresta tropical como a Amazônia, cercada de uma mata suntuosa com árvores enormes, pontes feitas de madeira e cipós. O habitante que representa esse distrito é o Sr. Manchas que entra na trama quando Judy consegue a amizade do mafioso Sr. Big. O Sr. Manchas é uma pantera negra que trabalha como motorista para o mafioso inspirado no poderoso chefão. A sua casa é cercada por árvores, cipós e plantas trepadeiras.

Ao ver as imagens do lugar não vi os prédios enormes que os outros distritos têm, me senti vendo a casa do Tarzan, aquelas pontes feitas de cipó e a casa dominada por plantas como se o pessoal que vivesse nestas áreas não tivesse contato com artefatos da sociedade descrita na metrópole Zootopia.

Analisando profundamente o Distrito florestal posso notar que lembra no real uma floresta tropical, não me inquieta o fato de que os desenvolvedores do filme tenham feito uma homenagem a um Ambiente que existe na vida real, o que me chama atenção é o papel destinado a ele.

No vídeo a “História das Coisas”(2007) evidencia muitas informações de onde surge e qual o destino das coisas produzidas pela indústria, e entre tantos dados um me chamou atenção quando Annie Leonard apresentadora do documentário fala sobre os recursos naturais americanos, que somente 4% da mata original americana está de pé, ou seja, eles não tem matéria-prima faz um bom tempo, então, para resolver esse impasse eles foram para os países em desenvolvimento e os subdesenvolvidos buscar esses insumos, tanto que até o petróleo americano é de fora.

O contexto mostra como assinalado que a sociedade americana prisma a nossa sociedade como fornecedora de insumos, de recursos naturais, com lugares paradisíacos, porém, mão-de-obra insuficiente para atender o capital. Não é à toa que o longa retrata uma pantera negra, visto que, retratam a América Latina e África somente por negros acostumados a fazer serviços periféricos, e para que essa concepção não caia em desuso vinculam essa imagem desde criança.



Figura 11: Distrito Florestal

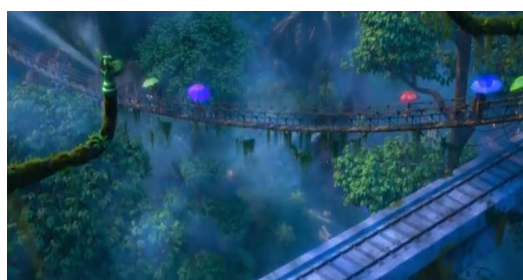


Figura 12: Ponte do Distrito Florestal

Neste momento falo do quinto e principal ambiente da trama, sendo a cosmopolita Zootopia, esta que lembra as cidades como, New York, Paris, Londres, São Paulo e dentre outras apontadas como as metrópoles que recebem a todos e a eles tratam bem. Isso é revelado no desenho na arquitetura da cidade com prédios de todos os tipos, carros para

todos os tamanhos, ruas e transporte público onde independente da espécie todos podem circular pela cidade, todavia, isso procede no comportamento dos moradores? Penso que não.

Ao afirmar me baseio nas cenas como a quando Judy já policial persegue um suspeito por roubo e passa por alguns dos distritos de Zootopia, e pude perceber que cada um tem o seu canto, que parte da cidade a maioria moram animais pequenos, em outras animais maiores, mas, o mais relevante que as presas na grande maioria moram longe dos predadores.

O filme começa falando que os animais evoluíram e que a predação fora extinta e que todos vivem a partir de então em paz, contudo, isso não procede pelo que acabei de ressaltar, uma vez que apesar de viverem no mesmo espaço ainda na cidade gera um medo da volta ao passado onde as presas tinham que fugir dos predadores.

O ambiente descrito aqui fabrica uma diversidade de infâncias, apegadas ainda a lendas, a achismos, a fatos que não podem ser comprovados, ou seja, dominadas pela falta de informação, fazendo com o que o grande enunciado do filme “em Zootopia você pode ser o que quiser” seja substituído por “Você só pode ser o que já é”. Como foi dito anteriormente, esse ambiente forma várias infâncias, então quais são essas? Vou continuar cavando no quintal da Zootopia para achar as infâncias que habitam nestes ambientes.



Figura 13: Zootopia e seus Distritos Principais



Figura 14: O centro de Zootopia.

2.1.1 Quintais habitados, quem os habitam?

É de conhecimento depois de muitas madrugadas, em uma relação conturbada com Foucault e procurando sanar as questões propostas no projeto, ao assistir a trama, observando-a com afinco, foram encontrados diversos enunciados. Porém, pelo tempo de

finalização do projeto, para este trabalho trago dois enunciados representados na persona de dois dos personagens da trama demonstrados em duas redes discursivas, uma com a protagonista do filme *Judie Hopps* (a coelha) e outra com a antagonista *Bellwether* (a ovelha).

Judy Hopps é de uma cidade interiorana por nome *Bunny Burrow* que traduzindo é toca do coelho que carrega o sonho de quando se tornar adulta se mudar para grande metrópole Zootopia e ser policial investigativa da cidade. Contudo, como toda a sociedade tem o seu sistema social e sua divisão do trabalho devido ao discurso imperante, esbarra no quesito de que biologicamente não poderia exercer o cargo e lutar por ele por ser presa e no dizer daquela sociedade um ser fragilizado.

Como comprovação é que logo no início do filme, o qual começa com uma peça de teatro aonde no fim da representação o desfecho é que você pode ser o que quiser, logo após aparece uma cena na qual os pais de Judy conversam com ela sobre esse sonho com o cunho de faze-la mudar de ideia:

Stu Hopps: - *Judy, já pensou em porque eu e sua mãe somos tão felizes?*

Judy Hopps (criança): - *Não.*

Stu Hopps: - *Bom, abrimos mão dos sonhos e relaxamos, não e Bonnie!?*

Bonnie Hopps: *Isso mesmo Stu, relaxamos muito.*

Stu Hopps: *Viu essa é a beleza da tranquilidade Judy, se não tentar nada novo não vai falhar.*

Judy Hopps (criança): *Mas eu adoro tentar...*

Bonnie Hopps: *O que seu pai está dizendo é que pode ser difícil, impossível até se tornar uma policial coelha...*

Stu Hopps: *É que nunca existiu policial coelho...*

Bonnie Hopps: *Não...*

Stu Hopps: *Coelho não faz isso...*

Bonnie Hopps: *Nunca...*

Judy Hopps (criança): *oh...*

Stu Hopps: *nunca!*

Judy Hopps (criança): *Ah... Então eu terei que ser a primeira, porque eu ainda vou fazer do mundo um lugar melhor!*

Stu Hopps: *Hahaha... derrepente se você quer mesmo melhorar o mundo, nada melhor do que ser uma plantadora de cenouras (ZOOTOPIA, 2017).*

Desta cena posso tirar a primeira analogia, em virtude do diálogo apresentando

a preocupação dos pais de Judy para que ela não se decepcione, todavia, por trás desse discurso preocupado surge uma palavra muito usada no processo disciplinar chamada de normatização que nada mais é do que uma ferramenta do disciplinamento da formação do corpo dócil de que o indivíduo que passa por esse processo se acostuma e se contenta com o que já é e vive bem com aquilo.

Sabendo que seria quase impossível de sua filha ser policial, os pais tentaram enaltecer o que faziam para que ela mudasse o seu foco e fizesse e escolhesse a profissão da família que é a de plantadores de cenoura, no entanto a sua resposta é que se não tem policial coelha ela terá de ser a primeira.

Isso me reporta ao primeiro enunciado por nome “Criança Sonhadora” que nada mais é do que o sujeito criança que conhece a sua realidade e as limitações que ela lhe traz. Porém, isso não se torna obstáculo para que ela corra atrás daquilo que deseja e sim um incentivo para que chegue dentro do processo legal onde deseja, é como se hoje fosse questionado para um menino do subúrbio: *O que você quer ser quando crescer?* E ele respondesse: *Juiz*. E vinte anos depois fosse visto um Joaquim Barbosa presidente do supremo⁴, e assim acontece com Judy que corre atrás do seu sonho.

Olhando a dispersão desse enunciado vejo em 1913 um livro por nome “Poliana” da autora Eleanor H. Potter que conta a história de uma menina de caráter cristão chamada Poliana com sonhos de uma vida melhor, quando não chega é ensinada a ser agradecida a tudo o que tem mesmo que não seja o ideal, com a morte dos pais descobre de que tem uma tia rica e vai morar com ela e muda tanto a sua trajetória de vida quanto a da sua tia e de quem vive em volta dela.

As paridades entre Poliana e Judy não param somente na defesa e na procura de realizar os seus sonhos tendo em vista mudar a sua realidade, entra também o fato da tentativa de conformidade com a realidade (normatização) falada mais cedo. Pois, tanto os pais de Judy quanto os de Poliana tentam fazer esse procedimento, porém de formas diferentes, os pais da protagonista de Zootopia fazem o processo de conversa tentando convencer que a vida de plantador de cenoura é o melhor caminho para a personagem, já em Poliana, pelas condições de pobreza que os pais da menina viviam o pai por não poder proporcionar uma vida com o mínimo de conforto, ensina a menina a um jogo por nome “jogo do contente” onde a única regra é tirar o lado bom de cada situação ruim, ou seja,

⁴ Ex-presidente do Superior Tribunal de Justiça (STJ)

já que ele não pode dar o que deseja ou até mesmo o aceitável que ela seja “grata”, para não dizer conformada, a tudo o que tem.

Olhando para essas duas materialidades vejo descrito as personagens na música “Lua de Cristal de 1990, escrita por Michael Sullivan e Paulo Massadas, esta música foi criada para trilha sonora do filme infantil com o mesmo título onde diz a letra: “Tudo pode ser, se quiser será/ O sonho sempre vem pra quem sonhar /Tudo pode ser, só basta acreditar/Tudo que tiver que ser, será Tudo que eu fizer Eu vou tentar melhor do que já fiz Esteja o meu destino onde estiver Eu vou buscar a sorte e ser feliz”. As duas personas têm um sonho e o perseguem, porém, esse sonho não é qualquer um, é um sonho formado antes mesmo que elas pudessem sonha-lo.

Quando pronuncio essas palavras é com base em Foucault ao defender a pré-formação do discurso conforme a sociedade presente com o intuito de defesa do discurso verdade, essa dispersão histórica é a prova de que a trama social é plástica para que as coisas funcionem e permaneçam como são, ou seja, o enunciado do sonho sempre foi produzido. Porém conforme a história ressignificada, pela cultura existente, posso aqui dizer que a tese marxista de que a histórico dialética é responsável por perpassar o discurso Hegemônico e que ele continua sendo como é, é errôneo, uma vez que, ao analisar essas mídias pude perceber que o discurso verdade para se manter como é, ele se ressignifica nos enunciados para que continue se mostrando e comandando que é o que deseja.

E como a criança sonhadora é vista hoje? Para responder essa pergunta trago junto ao filme, a novela passada no SBT (Sistema Brasileiro de Televisão) “As Aventuras de Poliana” e a música “Jogo do Contente”.

A novela *TEEM* do SBT é uma releitura do livro de Eleonor H. Potter que retrata a vida de Poliana. Nessa atração a mesma é filha de artistas circenses itinerantes que tem um estilo de vida com restrições por causa da vida que os pais levam e que com a perda deles vai morar com os parentes da mãe que são ricos, como a história do livro.

Poliana a novela agrega elementos da vida cotidiana do século XXI como, roupas, aparelhos tecnológicos (celulares, tabletes e computadores), as comunicações sociais (redes sociais) e fala de problemáticas do nosso tempo com *Bullying* mostrando a plasticidade que há no enunciado, pois, lendo o livro que é de 1913, a protagonista é descrita como alguém submissa, que somente aceita tudo o que lhe impõe, sempre

obediente, que não retruca nada porque joga o jogo que seu pai ensinou.

A nova Poliana descrita na novela, tem plena consciência do que passa a sua volta e que joga o “jogo do contente” para não se aborrecer com as situações. Analisando o contexto histórico Americano em 1913, antes da primeira guerra que começaria em 1914, os EUA⁵ viviam uma acessão muito grande e com a guerra isso se intensificou, então a “Poliana” de Eleonor H. Potter é uma cidadã americana que viveu na dita era de ouro do discurso capitalista e no sucesso do neoliberalismo, a onde o sonho americano é marca registrada o qual defende que você pode ser tudo o que quiser. Percebem alguma paridade com o grande Enunciado de Zootopia? Todas, uma vez que, nele diz que depende do nós “aproveitarmos” e agarrarmos as oportunidades que o sistema nos oferece, porém, quando não a temos e para que não caia em desuso, ou seja, contestado ele nos normatiza dizendo que temos de ser agradecidos por tudo o que temos, ou que, o nosso papel como plantar cenouras no caso de Judy, ou ser filha de artista circenses mesmo cada um tendo suas dificuldades como Poliana, essas difundidas pela manutenção de um discurso produtor de segregação.

Respondendo à pergunta de como a criança Sonhadora é difundida hoje, ela é vista como uma inocência pueril advinda de uma vida interiorana, tanto em *As Aventuras de Poliana* quanto em *Zootopia* as duas com os seus sonhos são do interior, vendendo aquela imagem do caipira inocente, trazendo a memória o gibi do Chico Bento de Maurício de Souza, no qual vincula a mesma imagem de um menino simples e cheio de sonhos, e os três tem o seu ideal realizado quando tem contato com a cidade, Judy quando vai para Zootopia, Poliana ao morar com a tia e Chico Bento ao ir passear na cidade.

Até o ECA (Estatuto da criança e do adolescente) descreve a criança neste aspecto quando diz: “ART. 7º A criança e o adolescente têm direito a proteção à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência.” (BRASIL, 2017, p. 20). Ao tratar de desenvolvimento sadio e harmonioso o ECA descreve o ambiente da criança sonhadora que é o ideal a ser formado no nosso tempo, já que, somos motivados pelo sonho de sermos melhores do que somos.

O segundo que chamo para discussão é o Enunciado da “Criança com Desvio de Conduta” a vice-prefeita da cidade Bellwether (a ovelha). Sem tocar nas imagens

⁵ Estados Unidos da América.

atreladas aos enunciados das personagens, por enquanto vou me ater às características desse enunciado e sua dispersão.

Ao procurar a dispersão desse enunciado, percebi que o papel da vilã ao olhar de perto é muito forte, uma vez que, no longa ela é quem está por detrás da trama principal, é ela que maquina toda a constituição social a cidade ao seu bel prazer.

Imergindo em encontrar enunciados para dispersão enunciativa chego a nomenclatura “Criança com Desvio de Conduta”, pesquisando e lendo a materialidade contida no livro da Dr^a Ana Beatriz Silva (2010) fica claro que essa nomenclatura é um diagnóstico preconizador da psicopatia.

Preciso esclarecer certos pontos, primeiro a psicopatia diferente do que todos pensam não é uma doença, e sim, um modo de ver e ser, um tipo de personalidade onde a criança nasce com uma tendência a perversidade e o outro para a mesma não significa nada, no qual é só um instrumento para que ela tenha três coisas: diversão, status e poder. Quando a criança é percebida com esse tipo de conduta ela é nomeada com o escrito acima, pois, tanto no Brasil como em outros países o diagnóstico de psicopata só pode ser fechado acima dos 18 anos, quando se pensa que a personalidade é formada.

Contudo, qual a característica enunciativa? É que essa ideia da infância constitui o sujeito que conhece a realidade social, ou melhor, que a cerca e faz uso dela ao seu bel prazer sem considerar o outro. Então, analisando a antagonista do filme ela o faz de forma perversa, querendo as três coisas acima mencionadas.

Por ela não ter o respeito requerido, e sabendo que apesar de todo o discurso da cidade, ela se aproveita do medo do biológico que ainda persiste das presas pelos predadores e trama quase que uma ditadura a onde todos viveriam com medo e ela os comandaria por esse viés, se escondendo atrás de uma faceta inocente e acima de qualquer suspeita descobre uma droga por nome popular os "uivantes" que fazem com que quem tenha contato com elas volte a ceder aos seus extintos pré-históricos para com que tome o poder.

Sabendo que o prefeito Leãoardo está escondendo as vítimas da droga e atrapalhando os seus planos, faz com que uma presa (Judy Hopps) que apesar de ter estudado e saber que os predadores não têm mais o extinto de se alimentar das presas, ainda acreditar que elas podem voltar a ser violentos. Assim, ela entra no DPZ (Departamento de Polícia de Zootopia) e faz com que investiguem o caso dos

desaparecimentos e “descubra” o que deseja que acreditem e associem a violência aos predadores e instaure o caos, e é isso que acontece.

Ela orchestra tudo sem que ninguém saiba e quando mostra a sua real faceta, ao descobrirem tudo ela propõe uma desculpa dizendo que visa o bem maior, contudo, o seu objetivo é comandar e descartar quem não serve, tirar do caminho quem atrapalha os seus desejos e fazer de degrau aqueles que sevem para que consiga o que deseja.

Encontrei esse perfil também em Billy and Mandy, mais precisamente na personagem Mandy que se aproveita do sentimento de amizade de Puro Osso (o ceifador) e de Billy seu amigo, em busca que os dois se curvem a sua vontade sem expressar o sentimento recíproco que eles têm por ela.

Posso ressaltar também o livro “Precisamos Falar de Kevin” (2003), uma criança com desvio de conduta que cresce cometendo pequenos crimes, inclusive jogar ácido em um dos olhos da irmã para que ela usasse o olho de vidro.

Hoje, a Criança com Desvio de Conduta é vista como um despertar de um ambiente ligado a marginalidade, prova disso é a série norte americana passada no Brasil chamada ‘Tratamento de Choque’ exibida pelo canal fechado A&E que mostra crianças com esses tipos de enunciado que passam um dia na cadeia sendo que o preponderante para a melhora é o medo, porque se sabe que nem toda a criança com desvio de conduta será um psicopata até porque no mundo somente 1% apresenta desvio de conduta e uma tendência a perversidade (HORTA, 2011, s/p).

Entretanto o que é conduta? O que Foucault fala sobre isso? Conduta conforme o dicionário: “[Do lat. *conducta*, fem. do lat, *conductus*] **S.f. 1.** Procedimento moral (bom ou mal) comprimento[...]” (HOLANDA,1999, S/P). Esta significação é a que assumirei nesse escrito.

Olhando os verbetes Foucaultianos não encontramos a palavra conduta, porém, encontrei nos entremeados algo que faz alusão quando o mesmo fala da história da loucura, ele faz pensar o por que o louco existe na sociedade é nesse ponto que faço alusão entre conduta e Foucault.

O dicionário aponta que conduta quer dizer comportamento, Foucault possibilita a pensar que como tudo na era moderna é fabricada a ideia de conduta atrelado ao comportamento também o é. Pois

na Idade Média, e depois no Renascimento, a loucura está presente no horizonte social como um fato estético ou cotidiano; depois, no século XVII –

a partir da internação – a loucura atravessa um período de silêncio, de exclusão. Ela perdeu essa função de manifestação, de revelação que ela tinha na época de Shakespeare e de Cervantes (FOUCAULT, 2006, p.163).

Foucault dá a entender aqui que a loucura como outros seguimentos da sociedade são produções que ganham novos significados com o galgar da história humana, se a loucura que se desvela em comportamento significa conduta e tem uma historicidade então ela é fabricada, uma vez que:

As descrições críticas [arqueológicas] e as decisões genealógicas devem alterar-se umas nas outras e se complementarem. A parte crítica da análise liga-se aos sistemas de recobrimento do discurso; procura detectar, destacar estes principais ordenamentos de exclusão, da rarefação do discurso. Digamos jogando as palavras, que ele pratica uma desenvoltura aplicada. A parte genealógica da análise detém, em contrapartida, nas series de formação efetiva do discurso: procura apreende-lo em seu poder de afirmação e por ai entendo não um poder que se oporia ao poder de negar, mas, o poder de construir domínios de objetos, a propósito dos quais se poderia afirmar ou negar proposições verdadeiras ou falsas. Chamemos de positividades desses domínios de objetos; e, digamos, para jogar uma segunda vez com palavras, que se o estilo crítico é o da desenvoltura estudiosa, o humor genealógico será o positivismo feliz. (FOUCAULT, 2000, p. 69-70)

Foucault neste trecho dá propriedade para dizer que como tudo em ótica social depende do discurso, a conduta também está nessa relação de dependência, uma vez que a mesma através da normativa social se adequa ao presente vivido pela mesma e esse presente é dado, ou melhor, desenhado pelo ambiente. Então, se a conduta é vinculada ao ambiente ocorrendo uma relação simbiótica, posso dizer que a criança com desvio de conduta também é fruto desse ambiente, uma vez que, as condições biológicas inatas têm de ser despertadas por algo e este atende por nome de ambiente.

A doutora Ana Beatriz Silva no seu escrito “Mentes perigosas” diz:

Eles jamais deixarão de apresentar comportamento anti-sociais; o que pode mudar é a forma de exercer suas atividades ilegais durante a vida (roubos, desvio de verba, estupro, seqüestro, assassinato etc.) Em outras palavras, a maioria dos [...] não é expert numa atividade criminal específica, mas sim passeia “passeia” pelas mais diversas categorias de crimes, o que Hare denomina de versatilidade criminal. (SILVA, 2010, p. 102-103)

Não querendo questionar, porém se o Discurso, Enunciado, loucura e etc. tem em comum a plasticidade, fica difícil não indagar se os brutos também amam. Uma vez que se torna claro que a psicopatia aflora em ambientes hostis.

Então, se a conduta tem um viés de fabricação, a nossa visão do que é bem e mal também tem, partindo desse pensar ao olhar o ambiente político, hostil e cheio de humilhações, que a vilã se encontra, visto que, o prefeito trata-a com todo o desprezo que pode. Esta afirmativa é revelada em várias cenas, inclusive quando Nick e Judy vão procura-la na prefeitura para acessarem as câmeras da cidade e veem uma governante que não exerce o seu papel e que pela sua condição de presa é tratada como uma vassala.

Partindo desse pressuposto se o ambiente fosse dicotômico seria possível que ela não cedesse a vilania, mas não podemos afirmar, o que posso destacar é a pergunta, os brutos também amam, será que eles não têm nenhum pingo de sentimento? É o que busquei entender.

Nietzsche (1998) no seu escrito “Genealogia da Moral” dá a ovelha a característica de uma serva morta, ele faz essa comparação pois no discurso religioso a ovelha é tida como dócil, obediente, incapaz de se rebelar, ela está sempre ao mando do seu pastor e faz de tudo para agrada-lo. Isso faz todo o sentido, pois, no mundo animal a ovelha é classificada com essas características comportamentais. Nesse contexto, lembro do instinto de rebanho em que Nietzsche problematiza:

Onde encontramos uma moral, encontramos uma avaliação e uma hierarquia dos impulsos e das ações humanas. Essas avaliações e hierarquias são sempre expressões das necessidades de uma comunidade do tipo “rebanho”: o que é devoto *para ela*, em primeiro lugar – e também em segundo e terceiro – é também o mais elevado parâmetro para o valor de cada indivíduo. Com a moral, o indivíduo é induzido a ser uma função do rebanho e só se atribuir valor como uma função. Como as condições de sobrevivência de uma comunidade eram muito diferentes daquelas de outra comunidade, havia comunidades muito diversas; e em relação às futuras mudanças essenciais de rebanhos e comunidades, estados e sociedades, podemos até profetizar que haverá morais muito mais divergentes. A moral é o instinto de rebanho em cada um (NIETZSCHE, 2016, p.203-204).

É essa fabricação o que tem da ovelha alguém que segue a moral social segue por aquilo que é certo e despreza o que é errado moralmente falando. Nietzsche quando exprime o que diz em relação a ovelha, levado ao contexto sociedade e me atendo a discussão da tese, ele relaciona que a ovelha é uma serva morta, pois, segue algo que é produzido e olhando para o ser humano somos todos ovelhas, envoltos em uma diversidade de morais e cada um seguindo a sua própria com base no discurso que nos forma.

Ou seja, ao imergir nesta citação Nietzsche entra na conversa aludindo que a questão do bem e do mal é relativa conforme o tipo de sociedade e vida apresentada e por

veremos a ovelha como um ser dócil, obediente e incapaz de infringir regras pela visão religiosa que nos é atribuída, se torna uma das razões na demora para saber quem de fato é o vilão da trama, eu por exemplo, achei que era o prefeito Leãoardo, por ser um leão, um animal por instinto assassino e carnívoro, jamais a ‘ovelhinha’. Noto na personagem uma admiração pelo chefe não correspondida, uma relação desgastada, porque ele a anula no começo do filme quando Judy é condecorada a policial e excluída da foto.

Analisando o todo posso entender que a sua psicopatia é despertada pelo ambiente que ela frequenta, disposta a ser respeitada e não só isso, mas também temida, ela joga todos os predadores na mesma sentença e arma para que o prefeito leve toda a culpa.

Primeiro fazendo um projeto de inclusão de mamíferos e colocando uma presa na polícia, sabendo do medo social dos predadores se tornarem selvagens descobre uma droga que torna o medo real, sai atirando nos mesmos, o prefeito sem saber o que está acontecendo faz de tudo para manter em sigilo, uma investigação inicia quando os predadores começam a sumir justamente quando a única presa do DPZ (Departamento de Polícia de Zootopia) faz com que tenham o mesmo medo que todos os envolvidos no caso, reforçando o pânico na cidade quando a mesma descobre o possível envolvimento do prefeito, tudo para se vingar do mesmo e governar.

Porém outra questão se levanta, em um filme vinculado a criança como pode ter um exemplo socialmente falando bom e outro tão maquiavélico? Simples, os dois fazem com que a verdade absoluta fique onde deve estar, no poderio das coisas.

Eu falo no sentido de que para a verdade absoluta não há um “bem” e um “mau” uma vez que, isso também é plástico há conveniências sociais que precisam ser levadas em conta e esses como outros conceitos dão o contorno da sua significância e como dito o Ambiente que também é plástico o desenha em uma relação de simbiose com o discurso, ou seja, o desenvolvimento de padrões, ou o aparecimento de ideias de infância advém dessa relação. Assim, existe uma infância ressignificada que através do Ambiente desenvolve um currículo não só escrito, mas oculto fazendo com que elas ganhem nova roupagem, novas condutas e novos olhares.

ASSIM, DESPEÇO-ME...

A tua piscina tá cheia de ratos/ Tuas ideias não correspondem aos fatos O
tempo não para/ Eu vejo o futuro repetir o passado/ Eu vejo um museu de
grandes novidades/ O tempo não para/Não para não, não para

(Cazuza)

A descoberta da fabricação é muito engraçada, é como se uma venda caísse dos meus olhos e eu enxergasse a luz pela primeira vez, e descobrisse que a visão que pensava ser de uma águia simplesmente era um grande engano, assim me senti eu quando me veio esse entendimento, após cavar no meu quintal as coisas que realmente iriam me contar tudo o que se passou enquanto eu não via, e me vi no contexto da música do poeta Cazuza onde o tempo não para e ao mesmo tempo o futuro repete o passado, abrindo um museu de grandes novidades.

Analisando os resultados pude ver que a novidade não passa de uma visita ao museu, e muitos conceitos que todos acham estarem esquecidos, andam, ou melhor, vagam por aí, se adaptando à sociedade vigente. Percebi ao analisar as ideias de infância tidas no filme Zootopia: Essa Cidade é o Bicho é a mesma criança que eu vejo hoje, com nova roupagem e a visão que temos hoje da mesma nada mais é do que um croqui dado pelo ambiente para me enganar e achar que a sociedade em que vivo é melhor que a passada.

Com a passagem da era medieval para a moderna, o mundo passa a viver a nova concepção de sociedade, e a mesma é construída de forma diferente, através das redes discursivas apresentadas, dos estudos foucaultianos do discurso, enunciados, disciplinamento, mídia e ambiente, nota-se que cada um destes trabalha para que a sociedade se apresente como é e cuidam cada um do seu pró para que tudo permaneça no mesmo lugar, se reciclando ao momento social, doutrinando, disciplinando com a nova tecnologia vinculada em imagens, invadindo os nossos espaços incluindo o escolar produzindo diversas ideias de infância, se há uma infância atual? Não, há um modo aprimorado de produzir essa infância através da plasticidade dos enunciados e da prática discursiva.

Ou seja, o que se modifica aqui é a diferença de como se olha essa criança e os valores aderidos a ela, ou melhor, ela é ressignificada adquirindo uma nova roupagem devido ao momento social em que se apresenta, e essa modificação é vinculada ao Ambiente em todas as suas multiformas, não importando se é para o “bem” ou para o

“mal” e sim para o bem maior da verdade absoluta que Foucault tanto condena no discurso do capital.

REFERÊNCIAS

- ADAMSON, Adrew; JENSON, Vicky. **Sherek: Coming Soon**. Califórnia, 2001.
- ARIÉS, Philippe: **História Social da Criança e da Família**. Tradução: Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- BOURDIEU, Pierre. **A Reprodução**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- BRASIL, Câmara dos Deputados. **Estatuto da Criança e do Adolescente**: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, Brasília: Edições Câmara, 2014.
- BURKE, Peter. **Problemas causados por Gutenberg: a explosão da informação nos primórdios da Europa moderna**. Estudos avançados. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v16n44/v16n44a10.pdf>>. Acesso em 20 de setembro de 2016.
- CATUNDA, Célia; MISTRORIGO, Kiko. **O Show da Luna**. São Paulo, 2014.
- CEDECA, Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente. **ECA: Estatuto da Criança e do Adolescente**. Rio de Janeiro, 2017.
- CLEMENTS, Ron; MUSKER, John. **A pequena Sereia**. EUA, 1989.
- CLEMENTS, Ron; MUSKER, John. **Moana: Um Mar de Aventuras**. Orlando, 2017.
- COPOLA, Francis Ford. **O Poderoso Chefão**. EUA, 1972.
- CORRÊA, Leonor. **Carinha de Anjo**. São Paulo, 2016.
- DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. São Paulo, Ed. Martin Claret, 2002.
- FAVREAU, Jon. **O Homem de ferro**. EUA, 2008.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do Discurso**. 6.ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- FOUCAULT, Michel. **História da loucura na idade clássica**. Tradução de José Teixeira Coelho Netto. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. 8ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- GOMES, Dias. **ROQUE SANTEIRO**. Rio de Janeiro, 1985.
- GRAMSCI, A. **Maquiavel, A Política e o Estado Moderno**. Rio de Janeiro: Civilização

Brasileira, 1978.

HANNA, Willian; BARBERA, Joseph. **TOM and JERRY**. EUA, 1967.

HOLANDA, Aurélio Albuquerque. **Novo Aurélio Século XXI**: Dicionário de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, 1999.

HORTA, Maurício. **Psicopatas S.A**: Eles trabalham com você. Superinteressante, 2011.

HOWALD, Byron; GRENO, Nathan. **Enrolados**. EUA, 2011.

KEVINHO, Mc. **Olha A Explosão**. Rio de Janeiro, 2016.

LATERRIER, Louis. The **Incredible Hulk**. EUA, 2008.

LEONARD, Annie. **História das Coisas**. EUA, 2007.

LIVRE, Som. **A galinha Pintadinha**. Campinas, 2006.

MANGOLD, James. **Wolverine: Imortal**. EUA, 2013.

MARKUS, Christopher; FAEELY, Stenphan. **Capitão américa: O Primeiro Vingador**. EUA, 2014.

MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo, Ed.Nova Cultural, 1996.

MILANEZ, N & BITTENCOURT, J. S. Materialidades da imagem no cinema: discurso fílmico, sujeito e corpo em a dama de ferro. **Revista Movendo Ideias**. N. 2 – julho a dezembro de 2012.

MILLER, Chris. **O gato de Botas**. EUA, 2011.

MORAN, José Manuel. **As Mídias na Educação**. São Paulo, 2008. Disponível em: http://www.eca.usp.br/prof/moran/midias_educ.htm>. Acesso em: 24 de abril de 2016.

NETWORK, Cartoom. **Billy and Mandy**. EUA, 2003.

NIETZSCHE, F.W. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016 (Coleção especial).

NIETZSCHE, F.W. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NOLAN, Christopher. **Batman: O Cavaleiro das Trevas Ressurge**. EUA, 2012.

OLIVEIRA, Albaneide Cavalcante. **O QUE É AMBIENTE HOJE?**. Pará, Belém, 2015.

PAULO, Pedro; ALEX. **As Novinhas Tão Sensacional**. Goiânia, 2016.

PINTO, Manuel. **A infância como construção social**. In: PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto. As crianças: contextos e identidades. Braga: Centro de

Estudos da Criança/ Universidade do Minho – Portugal, 1997, p.31-73.

POTTER, Eleonor H. **Poliana**. Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2016.

RAIMI, Sam. **Homem Aranha**. EUA, 2002.

REPORTER, Globo. **Tamara**: A Fruta mais valiosa do Deserto é uma poderosa fonte de energia, 2016.

ROCHA, Cristianne Maria Famer. **A escola na mídia**: nada fora do controle. Porto Alegre : UFRGS, 2005.

SAGRADA, Bíblia. **Gênesis**. São Paulo, 2017.

SHRIVER, Lionel. **Precisamos Falar de Kevin**. Rio de Janeiro, Ed. Intrínseca, 2007.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mentes perigosas**: o psicopata mora ao lado. Ed. De bolso. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SÜSKID, Patrick. **Perfume**: A História de um Assassino. Rio de Janeiro, Ed. Record 1987.

TRONO, Diante do. **Marcha Soldado**. Belo Horizonte, 2001.

UNICEF. **A Convenção sobre os Direitos da Criança**. Portugal: Lisboa, 1990.

WEBER, Max. **Ensaios de Sociologia**. Rio de Janeiro, Ed.S.A, 1982.